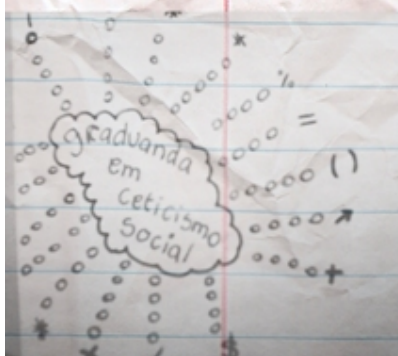
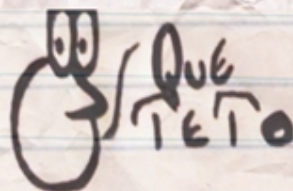
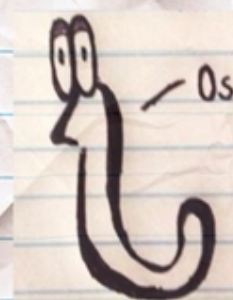


ISSN 2179-1368

Revista 'Todavía



MARCHA DA FAMÍLIA
COM DEUS PELA LIBERDADE
MASTURBAM-SE HIENAS



DEVE HAVER UMA FIM
DE CONCLUIR SEM
FINALIZAR

Todavia

1. A Casa e os Objetos

PDF

2. A "Noção de Pessoa" e sua Relação com a Cultura: Um Estudo Comparativo dos Sistemas Políticos Nuer/Kachin

PDF

3. Novos Agentes Sociais e a Agenda 2020: A Habilidade Social e a Representação de Interesses Empresariais

PDF

4. Etnografando o Ônibus: Individualismo e Gênero em Florianópolis

PDF

5. "O Corpo em Foco: Envelhecimento e Diferenças de Gênero na Cidade do Rio de Janeiro

PDF

Revista semestral do Programa de Educação Tutorial - Ciências Sociais da UFRGS, destinada a incentivar a produção científica de graduandos em Ciências Sociais.

Ano 3, nº 5, dez 2012, Porto Alegre. PET - Ciências Sociais UFRGS.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Reitor: Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Rui Vicente Oppermann

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Diretor: Soraya Maria Vargas Cortes

Vice-Diretor: Claudia Wasserman

Programa de Educação Tutorial - Ciências Sociais

Tutor: Caleb Faria Alves

Comitê Editorial

Alfredo Alejandro Gugliano

Aliziane Bandeira Kersting

Caleb Faria Alves

Bianca Faller

Mauro Roesse Comissão Editorial

Ana Julia Guilherme

Átila Viana

Carolina Santos

Eduardo Hernandes Dutra

Guilherme Dal Sasso

Mariana Lied

Iara Cunha Passos

Todavia / Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Educação Tutorial - Ciências Sociais – Ano 3, n.5 (2012) Porto Alegre: UFRGS, IFCH, PET - Ciências Sociais, 2012.
Semestral

Publicação eletrônica disponível em:
<http://www.ufrgs.br/revistatodavia>

1. Ciências Sociais 2. Antropologia 3. Ciência Política.

Bibliotecário responsável: Tatiane Soares Jesus CRB 10/1871
Catalogação: Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades

Endereço: Av. Bento Gonçalves 9500, Campus do Vale
Agronomia - CEP 91509-900
Porto Alegre/RS
Prédio C2, sala 205
Fone 51 3308 6630

Correio eletrônico: revistatodaviaufrgs@gmail.com
Eletronicamente disponível em <http://www.ufrgs.br/revistatodavia>
ISSN 2179-1368

Site Desenvolvido por: Mariana Lied

Capa: Foto de desenhos dos cadernos de alunos do curso de Ciências Sociais - UFRGS.
Fotografia PET Ciências Sociais.

Sumário

APRESENTAÇÃO

Rodrigo Schames Isoppo	5
------------------------	---

ARTIGOS

A CASA E OS OBJETOS

Lizandro Lui	6
--------------	---

A “NOÇÃO DE PESSOA” E SUA RELAÇÃO COM A CULTURA: UM ESTUDO COMPARATIVO DOS SISTEMAS POLÍTICOS NUER/KACHIN

Marina Arianne Dulcini Demarzo	26
--------------------------------	----

NOVOS AGENTES SOCIAIS E A AGENDA 2020: A HABILIDADE SOCIAL E A REPRESENTAÇÃO DE INTERESSES EMPRESARIAIS

Rodrigo Campos Dilelio	44
------------------------	----

ETNOGRAFANDO O ÔNIBUS: INDIVIDUALISMO E GÊNERO EM FLORIANÓPOLIS

Luísa Bonetti Scirea	60
----------------------	----

Apresentação

A escrita que procria

Seres procriadores somos

Estivadores prolíferos em marés incipientes

Aduladores das dúvidas

Bajuladores dos mistérios

Propositores, compositores...

Seres procriadores somos

Arremessadores contíguos em campos perenes

Sabotadores de dogmas

Usurpadores de clausuras

Desconstrutores, desarticuladores...

Seres procriadores somos

Definidores traumáticos em coxas bambas

Caçadores de palavras

Credores de confortos

Abaladores, torturadores

Seres procriadores somos

Aqueles que buscam eternamente

Aqueles que já não esperam nada

Se doloridos são nossos partos

Nada somos além daqueles

Daqueles que procriam dores

Rodrigo Schames Isoppo

Porto Alegre, Dezembro 2012.

A CASA E OS OBJETOS¹

Lizandro Lui²

Resumo: Este artigo discutirá a respeito de como os objetos que fazem parte do cotidiano refletem aspectos da cultura. A pesquisa investigará as mudanças que ocorreram na casa de descendentes de imigrantes de italianos, moradores da zona rural do município de Anta Gorda – RS. As mudanças que me refiro relacionam-se a organização, o tamanho e a disposição dos cômodos no interior das casas, bem como a importância de alguns objetos que dela fazem parte. O objetivo foi compreender de que maneira se deu a mudança de padrão de construção das casas nas últimas décadas entre 1960-2010, bem como a importância dos objetos que aqui serão tratados como agentes que ativam a memória daquelas pessoas sobre sua história de vida. Trabalharei com o ensaio de Pierre Bourdieu no seu trabalho sobre a casa Kabyle, assim como autores que trabalham com cultura material. Constato que a forma da casa reflete a estrutura social, reforça os costumes e educa os indivíduos. Algumas mudanças sociais ocorreram no decorrer das décadas e refletem na atual forma estrutural das casas hoje. Para compreender a atual situação proponho uma discussão com a teoria de Fredric Jameson sobre a pós-modernidade.

Palavras chaves: Cultura material, estrutura das casas, valor social dos objetos.

E conferenciavam pasmados. Tinham percebido que havia muitas pessoas no mundo. Ocupavam-se em descobrir uma enorme quantidade de objetos. (...) Impossível imaginar tantas maravilhas juntas. O menino mais novo teve uma dúvida e apresentou-a timidamente ao irmão. Seria que aquilo tinha sido feito por gente? Talvez aquilo tivesse sido feito por gente.

Graciliano Ramos – Vidas Secas

¹ Trabalho feito para a disciplina de Teoria Antropológica. Prof. Dr. Débora Leitão.

² Graduando de Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: lizandrolui@hotmail.com

Introdução

A humanidade é inseparável da materialidade. Compreender isso é importante para os que pretendem compreender o ambiente material construído pelo homem. O trabalho se propõe a debater sobre cultura material a partir de um estudo de caso feito na cidade de Anta Gorda - RS. Cultura material aqui será tomada como o valor social dos objetos que rodeiam as pessoas e a identificação das pessoas em seus artefatos. Como técnica de abordagem foi utilizada a entrevista com os moradores, onde lhes foi sugerido que falassem sobre sua casa, seus objetos de uso, desde os mais antigos até seus pertences em geral. Também foram coletadas fotografias das casas e dos ambientes internos das mesmas.

Trata-se de uma região que recebeu predominantemente imigrantes italianos em meados do século XX e encontra-se na zona rural. As questões que me motivaram a fazer essa pesquisa foram buscar saber o motivo das pelo qual as casas daquele local terem apresentado mudanças significativas em sua estruturação nos últimos quarenta anos. Outra questão a ser levantada era procurar saber que tipo de relação se estabelece entre as pessoas pesquisadas e os objetos que pertencem àquelas famílias a gerações, incluindo os tipos de usos e tratos que são dados a tais objetos.

Para conseguir trabalhar com esse objeto, tive que fazer escolhas tendo em vista ser impossível conseguir captar tudo o que no campo se apresenta. Dessa forma, elegi a sala de estar como objeto desta análise para tratar da mudança de padrão construtivo que ocorreu naquele lugar. Faço a comparação entre modelos de casas mais antigos (construídos pelo menos há trinta anos) e modelos de casas mais recentes (edificadas na última década). Utilizo a teoria de Pierre Bourdieu no que se refere às estruturas estruturantes e estruturas estruturadas, o seu ensaio em que ele trabalha com a Casa Kabyle e a questão do habitus para compreender esse objeto. As teorias como a de Miller (2007), Baudrillard (2002), Leitão e Pinheiro-Machado (2010) e Carvalho (2008) que versam sobre a questão da cultura material e o valor social dos objetos serão utilizadas para entender a função dos objetos na vida das pessoas e enquanto agentes que participam no processo de reconstrução da memória. Faço uso da teoria da pós-modernidade do autor norte americano Fredric Jameson para explicar a mudança nos hábitos das pessoas que se deu nos últimos anos, bem como da mudança física das casas.

Uma análise a partir do tamanho das salas

As casas dos descendentes de italianos de Anta Gorda - RS mudou de forma considerável nessas últimas décadas. A mudança vai desde o tipo de materiais para construção, o tamanho, as cores escolhidas até o tamanho dos compartimentos internos. Nas casas mais antigas vê-se a base da casa, chamada de porão, executada em alvenaria de pedras, algo que demonstra força e resistência e as partes superiores feitas de madeira com as divisórias internas também de madeira. As casas antigas eram consideravelmente grandes, algumas chegando a apresentar até três ou quatro pavimentos, onde via-se uma abundância de ambientes internos.

Por já ter vivido naquela localidade, os moradores foram receptivos na minha visita. Minha entrada no campo de estudo se deu de forma relativamente fácil e todas as vezes dispensei apresentações pois todos me conheciam. Mas desta vez, entrei lá como cientista social, alguém disposto em realizar a chamada “ruptura epistemológica” defendida por Pierre Bourdieu, ou seja, enxergar além do senso comum. Meu desafio consistia em conseguir compreender, fazendo uso de aparato bibliográfico, a organização e a cultura da qual fiz parte durante boa parte da minha vida. Nesse ponto do trabalho há uma aproximação entre o lado pessoal do pesquisador com sua pesquisa. A localidade tem aproximadamente trinta famílias, a maioria das casas antigas já foram demolidas. Fui obrigado escolher entrevistar os moradores das casas ditas antigas que ainda serviam de habitação para as famílias, foram feitas entrevistas e fotografias em quatro delas. Quanto à escolha das casas de construção recente, escolhi as moradias que são vizinhas das antigas, somando um total de seis casas. Dessa forma, entrevistei uma microrregião dentro da localidade do interior do município de Anta Gorda- RS. A escolha pelas casas que ficam próximas umas das outras se deu em virtude de deslocamento físico, visto que as pessoas moram longe umas das outras, consequência do crescente êxodo rural. Apesar de estatisticamente o número ser muito reduzido, isso não impossibilitou o andamento da pesquisa, visto que, as entrevistas foram feitas de forma aprofundada e as pessoas se mostraram muito prestativas em responder e empolgadas com a ideia de que poderiam contribuir com meu trabalho.

Na minha entrada no meu campo, solicitava que as pessoas falassem sobre sua vida naquela casa bem como contar a história da sua família e de que forma as festas e encontros familiares eram feitos antigamente. As entrevistas e todas as fotografias utilizadas neste artigo

foram feitas por mim em meados de novembro de 2011. Tinha em mãos meu caderno de anotações e uma máquina fotográfica, por esses dois instrumentos foi possível compreender, pelo menos em parte, o universo que se apresentava diante de mim. Foi utilizada a técnica da entrevista em conjunto com a imagem para ilustrar ao leitor o design das casas. Para o uso de imagens em pesquisas Novaes (2008, p.465) argumenta que o uso da imagem auxilia na compreensão e ilustração do que se quer explicar, e segundo a autora:

Imagens favorecem, mais do que o texto, a introspecção, a memória, a identificação, uma mistura de pensamento e emoção. Imagens, como o próprio termo diz, envolvem, mais do que o texto descritivo, a imaginação de quem as contempla. Elementos visuais têm a capacidade de metáfora e sinestesia — relação subjetiva espontânea entre uma percepção e outra que pertença ao domínio de um sentido diferente.

As famílias antigamente naquela região eram em regra numerosas, os casais tinham mais de cinco filhos. A cozinha e a sala eram muito grandes. Nem todos os irmãos tinham um quarto para si apesar da separação entre meninos e meninas ser feita e os pais tinham um dormitório exclusivo. A casa que eu visitei tinha uma sala ainda nos padrões antigos³. Segundo o seu dono, a sala mede oito metros de comprimento por quatro de largura. Antigamente, segundo o dono, a sala servia como local de encontros familiares em datas especiais e como local de oração diário.

³ Todas as fotografias das casas e ambientes internos foram coletadas com a permissão dos respectivos donos.



Figura 1. Casa de modelo antigo. 2011.



Figura2. Casa de modelo antigo. 2011.



Figura 3. A sala das casas antigas. 2011.



Figura 4. A parte frontal da casa. 2011.

Weimer (1987) discute a arquitetura no Rio Grande do Sul e também trabalha com as casas dos descendentes de italianos, o autor faz uma descrição desse tipo de habitação. A sala apresentou-se por muitos anos como algo fixo, uma espécie de cartão postal da casa, da família. Autores como Carvalho (2008) trabalham com o objeto, porém utilizando recorte histórico diferente. Segundo a autora, a sala não era sucessível as tendências da moda por que era um lugar de legitimação da família, algo que ao mesmo tempo deveria ser receptivo e de mostrar “prestígio e superioridade social” (CARVALHO, 2008, p. 119). O tamanho avantajado desta era necessário, segundo meus entrevistados, pois quando alguém falecia os atos fúnebres eram feitos em casa e a família conduzia o corpo depois de um dia de velório até a Igreja da comunidade onde ocorria o sepultamento. Assim a casa sempre recebia todos os familiares e era necessário um grande espaço. As famílias daquela região são predominantemente católicas. As casas eram demasiadamente grandes, pintadas com cores fortes e rodeadas por árvores.

Na década de 1980 com a chegada da energia elétrica, houve uma modificação significativa nas residências. A construção de um anexo na casa, que eles chamam de “área” foi incorporada na maioria das casas. A área comporta um espaço sempre na parte frontal da casa onde se dá o acesso, neste local se receberiam as visitas em dias de calor. Ao lado construiu-se um banheiro com chuveiro elétrico, substituindo a patente (banheiro externo a casa) e uma churrasqueira.

Questionado sobre as demais funções da sala meu informante, um senhor com aproximadamente cinquenta anos, disse-me que era um costume antigo que os pais tinham de supervisionarem os filhos e as filhas enquanto namoravam. Essa prática também ocorria na sala. Esse senhor me disse que a sala ficava entre o quarto e a cozinha e o pai quando não queria ficar toda hora vendo o namoro ele ia para a cozinha. Mas na parede que dividia os dois cômodos havia uma minúscula janelinha definida por ele de “palmo de altura por um palmo de largura”. Era a partir daí que o pai vigiava os casais namorarem. Como se tratava de algo que ficava na parede e, portanto perceptível, o casal tinha consciência de sua função e existência, mas não sabia a hora em que o pai iria olhar, portanto estavam submetidos a uma coerção moral. O senhor riu ao me contar isso dizendo que a casa dele já não contava com esse óculo, mas ele afirma que em sua juventude ter entrado em casas que havia isso. No entanto, hoje em dia, acredita que provavelmente tais construções com esse artifício já tenham sido demolidas.

Baudrillard (2002) é um teórico que vai trabalhar com a função dos objetos, dos móveis e dos cômodos do espaço privado. A partir de sua teoria é possível pensar acerca do tema que até aqui foi abordado. De acordo com Baudrillard (2002, p. 22):

Os móveis se contemplam, se oprimem, se enredam em uma unidade que é menos especial do que ordem moral. Ordenam-se em torno de um eixo que assegura a cronologia regular para si mesma. Neste espaço privado, cada móvel, cada cômodo por sua vez interioriza sua função e reveste-lhe a dignidade simbólica: completando a casa inteira a integração das relações pessoais no grupo semifechado da família.

As pessoas entrevistadas seguem a religião católica e contam que as famílias de antigamente rezavam diariamente o rosário⁴. Tanto antes como na atualidade há um rodízio na localidade da imagem de Nossa Senhora de Caravággio. Cada família a recebe mensalmente de um vizinho, quando recebe são feitas as orações. Contou-me uma interlocutora que quando era mais jovem ficavam-se horas rezando quando o vizinho trazia e essas orações eram feitas na sala. Se antigamente, cada família tinha de sete a dez integrantes e se algumas famílias vizinhas também resolvessem em vir, acumulava facilmente trinta pessoas ou mais. Isso se dava diversas vezes por semana e participavam tanto homens quanto mulheres e crianças. As famílias rezavam todas as noites, independente de ter ou não a imagem da santa, apenas nos dias em que a imagem chegava nas casas é que reunia mais pessoas.

Todas essas práticas culturais são entendidas por Bourdieu (1983, p.65) não como algo mecânico, feito sem consciência, mas interpretada como um habitus, uma relação dual entre a pessoa e a estrutura:

A prática é, ao mesmo tempo, necessária e relativamente autônoma em relação à situação considerada em sua imediatidade pontual, porque ela é o produto da relação dialética entre uma situação e um habitus – entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente

⁴ Rosário consiste em repetir 150 vezes a oração da Ave-Maria e a cada 10 orações dessas eram rezados uma oração do Pai-Nosso e cantos e louvores a Santos e Anjos.

diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas, que permitem resolver os problemas da mesma forma, e às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por esses resultados.

Algumas vezes ao ano, segundo meus entrevistados, ocorriam pequenos encontros nas casas onde se dançavam, cantavam, bebiam e comiam ao redor do fogão à lenha. Era o momento de trocas de histórias, ensinamento de cantigas, da prática do dialeto italiano. Quase toda a casa tinha seu pequeno vinhedo, onde se faz o vinho que vai ser consumido durante todo o ano. Ao contrário da casa Kabyle narrada por Bourdieu (2002), o vinho não fica exposto logo na entrada da casa, mas sim debaixo da casa, na parte oculta e mais escura chamada de porão. Assim como na casa Kabyle, que as mulheres não podem ficar no local onde se encontra o que foi produzido pela família e principalmente onde fica as bebidas alcoólicas, qualquer pessoa pode circular por toda a parte da casa, apesar de não ser conveniente que as mulheres se embriaguem ao contrário dos homens que podem.

A mudança dos costumes

Com a energia elétrica as famílias foram mudando seus costumes gradativamente. Hoje, verifica-se que as famílias raramente se visitam, ficando resguardadas em suas casas assistindo a novelas e outros programas de televisão. Sendo assim, tanto a oração quanto as visitas noturnas, chamadas de “filó”, foram deixadas de lado. Esses novos fatos que ocorrem foram me narrados com pesar pelo meu interlocutor, segundo ele, as pessoas deveriam voltar a se visitar como antes faziam. Se por um lado as mudanças trazem conforto como luz elétrica, por outro lado substituem os antigos modos de viver por outros. Os falecidos são velados na igreja ou funerária, não mais em casa e os casais não namoram mais na sala, e sim no quarto fechado. A privacidade tornou-se um valor social que passou a ser valorizado, não é mais conveniente os jovens ficarem submissos à supervisão e opinião dos pais. O número de filhos diminuiu e nesse momento as famílias contam com um ou dois filhos por casal. Agora cada irmão tem o seu quarto e os jovens não festejam mais nas próprias casas com amigos, parentes e vizinhos, mas vão para boates, bares, praças, etc.

No que se refere as identidades sociais, Zanini (2005) traz uma concepção teórica bastante interessante, segundo a autora as identidades são construções que estão em constante mudança, são renegociadas a partir do momento em que recebe estímulos. Um desses

estímulos pode ser, a televisão que expõe a cada dia novos padrões de vida, moda, decoração de ambientes, receitas e comportamento. Segundo Zanini (2005, p.703-704):

As identidades, que são construtos individuais e coletivos que se refazem constantemente, têm na contemporaneidade dialogado intensamente com os meios de comunicação, em especial com a televisão e suas linguagens (...) penso que não se pode esquecer, no contexto latino-americano e particularmente no brasileiro, que o modelo de televisão que se tem é hegemônico no sentido de transmitir um determinado estilo de vida e padrões de consumo tidos como mais “modernos” e aceitáveis. Dessa forma, diria que as identidades étnicas, ao sofrerem o impacto das mensagens televisivas, também são renegociadas. O que quer dizer, enfim, que a televisão ou a literatura seriam meios amplamente reflexivos por meio dos quais os grupos e os indivíduos podem reconsiderar suas opções e tradições.

Mas algo ainda permanece no presente: todo dia um vizinho leva a imagem de uma Santa ao vizinho do lado, num ciclo que não se termina. A visita dura apenas alguns minutos, logo quem entregou a santa volta a sua casa. No outro dia, esta pessoa que no dia anterior recebeu, leva a imagem da Santa para outra família. Percebe-se quão importante que se faz a teoria de Mauss das trocas recíprocas (dar, receber e retribuir) para entender essa dinâmica que se iniciou no passado e que continua até hoje. A visita entre os vizinhos e os rituais realizados por eles reforçavam os laços sociais que os uniam.

No texto de Bourdieu (2002) sobre a Casa Kabyle no livro “A casa ou o mundo às avessas” retrata a maneira como se dá a organização da casa do povo argeliano nativo. Ele fala que existem partes da casa reservadas para certas atividades, como o parto e relações sexuais. Logo quando se entra na casa narrada por Bourdieu, a primeira coisa que se vê é a produção da família, o que ela colheu no último ano. Nas casas que eu visitei ao entrar se enxerga a mesa onde se faz as refeições e a televisão, tanto nas casas antigas quanto nas casas novas. Existem sempre duas portas de entrada: uma que dá acesso à cozinha e outra que dá acesso à sala. Sempre se costuma entrar pela porta da cozinha, apenas em dias especiais de festejos ou orações é que a porta da sala é aberta. Mas hoje o tamanho da sala diminuiu e nada mais ocorre na sala, a porta que dá acesso a mesma que continua a ser construída perdeu sua função. Não existe nenhum lugar em que a mulher ou o homem são proibidos de entrar, ao contrário da casa narrada por Bourdieu em que existe esse tipo de restrições. Percebe-se uma

preferência dos descendentes dos imigrantes de italianos em construir a casa com a parte dos dormitórios virados ao leste. Os dormitórios sempre se concentravam no segundo andar na casa, altos a fim de ninguém sair ou entrar pelas janelas. O texto de Bourdieu sobre a casa Kabyle é descritivo, mas já se pode identificar nele as orientações teóricas que o autor segue ao longo de seus estudos teóricos. Retonando a descrição de Bourdieu (2002, p.107):

Percebemos logo a importância atribuída à orientação da casa: a fachada da casa principal, a que abriga o chefe de família e que tem o estábulo, é quase sempre orientada na direção do leste, a porta principal – por oposição à porta estreita e baixa, reservada às mulheres, que se abre sobre o jardim nos fundos da casa – é comumente chamada a porta do leste, ou porta da rua, porta do alto, porta grande.

Ao observar as casas construídas na década passada, percebe-se uma profunda mudança em relação às descritas acima. O tamanho delas mudou, foi diminuído. A extensão das casas ditas “novas” que visitei alcançavam no máximo nove metros de comprimento por cinco de largura, um pouco mais do que o tamanho da sala de antigamente. A localização delas em relação à posição com a rua continua a mesma, o material mudou, sendo agora feita com tijolos e alvenaria e não mais madeira. Mas ainda continua tendo a área na frente com churrasqueira e duas portas, assim como é nas casas antigas.

Autores que trabalham a questão da cultura material como Daniel Miller pensam a casa como objeto de consumo. Para o autor a humanidade está ligada a materialidade, sendo que os objetos fazem parte da vida das pessoas e servem como portadores de memória de épocas passadas. Para o autor o consumo não é o fim da sociedade, mas representa uma possibilidade de entrarmos em outra. Conforme Miller (2007, p.47):

Muito do consumo moderno preocupa-se com a casa tanto como o objeto de consumo ou como o cenário para a organização e uso das mercadorias, (...) Estudos de cultura material trabalham através da especificidade de objetos materiais para, em última instância, criar uma compreensão mais profunda da especificidade de uma humanidade inseparável de sua materialidade.



Figura 5. Casa de construção recente. 2011.



Figura 6. A sala das casas construídas recentemente. 2011.

Baudrillard (2002) afirma que os objetos personificam o espaço em que se encontram, essa interpretação segue na mesma direção do debate aqui inserido, em que os objetos (incluindo as moradias) não são meras peças de utilização diária, mas sim cheios de significados, portadores de memória. Da mesma forma que o homem não “inventa” a cultura para simplesmente suprir suas necessidades biológicas, o homem também não constrói objetos simplesmente por que lhe são úteis no sentido pragmático. Afirma o autor que “a dimensão real em que vivem é prisioneira da dimensão moral que tem que significar” (Baudrillard, 2002, p.22). Pelo que foi debatido até agora, as representações da moral do grupo estudado se exprimem, entre outras coisas, pelo modo de como a estrutura da casa se organizava. Contudo, defender a ideia de que a realidade é prisioneira da dimensão moral seria um equívoco depois de ir a campo e perceber que isso não ocorre em todos os lugares. A sociedade não é estática, mas dinâmica, logo as estruturas que definem a moral também são cambiáveis no sentido de que há mudanças ao longo do tempo em que nada fica prisioneiro. Na minha percepção não há esse tipo de determinante social e essa visão parece ser pouco dialética visto que diversos fatores determinam a realidade e nenhum é determinante ao ponto de fazer o outro prisioneiro.

Os objetos que eu encontrei nas casas, como quadros de fotografias e uma estante de mais de 80 anos são motivo de orgulho de seus donos. Baudrillard afirma que o mobiliário é uma imagem fiel das estruturas familiares e sociais de uma época. E que “ao mesmo tempo que mudam as relações do indivíduo na família e na sociedade, muda o estilo dos objetos mobiliários”(BAUDRILLARD, 2002, p.23). Esses móveis preservam a memória de fatos que ocorreram, e de quem eles compraram o mobiliário. É importante lembrar que não existiam lojas de móveis como existem hoje, as famílias sempre conheciam alguém que fazia trabalho de marcenaria e montagem de móveis, cada móvel era encomendado e era feito sob medida. Outros objetos são os quadros de fotografias dos casamentos antigos, são quadros grandes que ficam expostos nas paredes, pintados a óleo preservando a memória de pessoas falecidas e outras ainda vivas, como no caso de casal de avós que se veem depois de 50 anos de casados. Não são simples objetos, mas sim testemunhas de um período passado. As pessoas mais idosas se reportam a eles para contar sobre festas, casamentos, e toda uma gama de acontecimentos que estão direta ou indiretamente ligados aos objetos que as rodeiam. Os objetos que são deixados de herança possuem maior significado ainda, segundo os meus interlocutores, representam uma parte da pessoa que faleceu. Os objetos eternizam de certa forma as pessoas e os quadros pintados a óleo ilustram um pouco sobre isso.



Figura 7. O balcão de mais de 80 anos. 2011.



Figura 8. Quadro de casamento pintado a óleo. 2011.

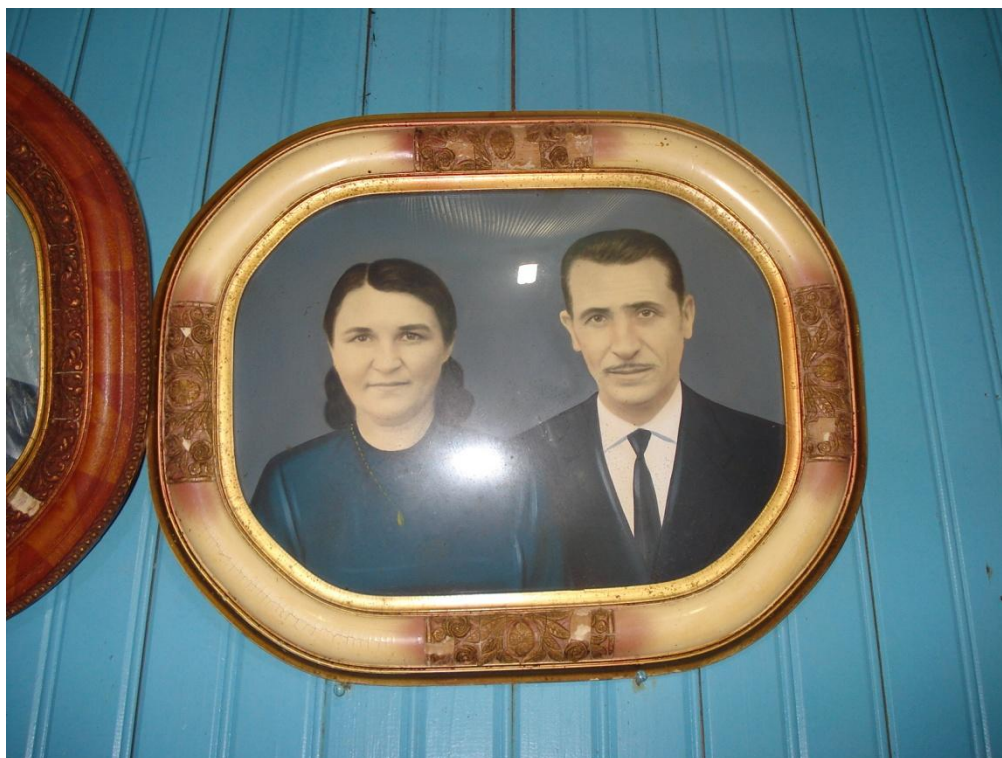


Figura 9. Quadro de casamento pintado a óleo. 2011.

Na teoria de Bourdieu (1983) referente às estruturas estruturantes e as estruturas estruturadas percebe-se como as normas de respeito, de moral em relação à sexualidade e religião são oferecidos aos indivíduos. Após a pesquisa de campo, pude notar que as casas antigas que visitei formam uma estrutura estruturante porque a forma de sua organização confirmava muitos traços e valores que eram valorizados pela sociedade em questão. As pessoas aprendiam a ser católicas, a rezar de certas formas e não de outras (de preferência ajoelhado), a participar dos atos fúnebres e a festejar de certas formas e em certas épocas do ano e não em outras⁵. O namoro que simbolizava a união entre duas famílias que se conheciam, era assistido para que a integridade (principalmente da moça) fosse preservada. O respeito ao corpo da mulher solteira era algo muito presente nas sociedades antigas e se confirma através da abertura da parede em que o pai podia observar o casal. A casa reforçava as normas e os valores sociais daquela sociedade. De certa forma a casa, no sentido físico e simbólico do termo, é um agente social. Bourdieu (1983 p.61) ajuda a compreender esse ponto:

As estruturas constitutivas de um tipo particular de meio (as condições materiais de existência características de uma condição de

⁵ Nunca se festejava no período que compreende hoje o intervalo após a terça feira de carnaval e a páscoa, chamado de tempo de Quaresma.

classe), que podem ser apreendidas empiricamente sob a forma de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado, produzem um *habitus*, sistemas de disposições duráveis, estruturas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturados das práticas e das representações que podem ser objetivamente "reguladas" e "regulares" sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem, ser o produto da ação organizadora de um regente.

Mas houve mudanças importantes, a casa transformou-se por que as pessoas que moram nelas passaram a pensar e agir de outra forma. A casa que também é uma estrutura estruturada, pois foi reconstituída a partir da nova ordem moral que nasceu durante a década de 1980-1990. Nesse período curiosamente não houve construções de casas na localidade. Mas por volta da virada dos anos 2000 algumas pessoas migraram progressivamente para uma nova forma de construção de casas e organização dos ambientes domésticos. A televisão foi a principal responsável posto que com ela as pessoas conheceram novas formas de organização da sua casa tanto estruturais quanto decorativas. Novos padrões comportamentais passaram a ser valorizados, passou a não ser importante compartilhar com o vizinho as experiências do dia a dia, cada um fica em sua casa assistindo a programação das emissoras de televisão. Agora as casas passaram a refletir o modo de pensar da sociedade pós-moderna: O individualismo e a privacidade passaram a ser valores importantes, enquanto o sentimento de coletividade vicinal passou a ser deixado de lado. Cada filho tem a liberdade de fazer o que quiser dentro de seu quarto, já que não divide com ninguém. O número de filhos diminuiu para um e no máximo dois por casal. A sala não tem mais a função que teve antes, de local onde se dava as trocas, as festas, o velório e as orações. Em algumas casas, percebi que ela comporta objetos como estantes, geladeira, armários, etc.

Depois de um longo dia de trabalho na lavoura junto ao gado e a plantação tornou-se, segundo meus interlocutores, costume sentar diante da televisão para assistir as novelas ou os noticiários. Os integrantes da família não se reúnem mais para conversar e compartilhar suas histórias de vida e os populares "causos". Estes podem ser desde piada ou histórias com sentido moral. Essas histórias e causos não são mais passadas de "pai pra filho" pois o local reservado pra isso praticamente não existe mais. Além disso as pessoas preferem assistir TV

ou os jovens, conforme pude perceber, navegam na internet⁶. Penso que vários fatores externos como mídia, por exemplo, tenham proporcionado a fragmentação das identidades. Não se trata de um completo esquecimento do passado e das tradições antigas visto que, por exemplo, ainda é preservada a culinária típica. Penso também que não seja o fim da família ou das relações familiares, mas apenas uma resignificação de papéis e relações que se estabelecem.

Por outro lado, as trocas, que segundo Mauss, que representam a “cola” que une as pessoas dentro de uma sociedade está enfraquecida por que a lógica cultural se tornou diferente. O rompimento da tradição cria uma sensação de vazio cultural, de massificação. A dinâmica de ser, vestir e construir consiste em seguir as tendências ditadas pela mídia. Houve um rompimento com a tradição, como muitos deles me relataram: “Não é mais como uma vez”. A tradição, segundo Giddens (2002, p.50) cria uma sensação de firmeza das coisas que normalmente mistura elementos cognitivos e morais. Os indivíduos que lá moram passaram por um período de transição cultural radical, onde certos valores foram menos valorizados e outros mais.

Os móveis, as casas, os instrumentos usados para fabricação de vinho são agentes culturais, apesar de parecerem simples objetos. Ao interagirem com as pessoas que lá vivem interagem com a memória e são relacionados a fatos e ocorridos. As mercadorias, como as pessoas, têm uma vida social. Essa ideia é proposta por Appadurai (2008) quando ele fala que os objetos possuem um valor muito além de seu valor de mercado, eles possuem um valor social que não se pode calcular.

Após a inserção de campo pude refletir acerca do enfraquecimento da relação entre os as pessoas (principalmente as mais jovens) e os objetos que fazem parte daquela cultura há gerações. Pode ser uma característica da nova geração, de querer se diferenciar do passado e viver de acordo com os padrões culturais ditados pela mídia. Ocorre que se perde toda a relação histórica e cultural com os objetos e com o entorno que as pessoas vivem. Na exposição com diferentes padrões culturais esta sendo esquecida a própria história, suas referências culturais. Jameson (1995) defende a ideia de que na pós-modernidade perdeu-se a noção de espaço por criou-se um hiperespaço e ultrapassou-se a capacidade do homem em se localizar, de mapear cognitivamente sua posição no mundo, ele fala que estamos em um ponto alarmante entre o corpo e o ambiente construído. Nas palavras de Jameson (1995, p.77):

⁶ Neste ponto, pode-se abrir um novo debate de pesquisa que não será tocado aqui. Se trata das relações virtuais que esses jovens estabelecem na internet e que vínculos estabelecem entre si.

Certamente essa é a função exata que o mapeamento cognitivo deve ter na moldura mais estreita da vida cotidiana na cidade: permitir a representação situacional por parte do sujeito individual em relação àquela totalidade mais vasta e verdadeiramente irrepresentável que é o conjunto das estruturas da sociedade como um todo.

Os objetos que me foram expostos não podem ser enquadrados na categoria de mercadoria. Afirmo isso com base na reflexão que Appadurai (2008) faz quando trabalha com os objetos. Para ele as coisas, assim como as pessoas também possuem uma vida social. Carvalho (2008) trabalha com os objetos que ficam dentro de uma casa, de uma família por gerações, no entender dela, esses objetos estão relacionados ao sentido de continuidade da família, demonstra vínculo com o passado. Isso ficou claro quando perguntei aquelas pessoas acerca dos objetos que fazem parte daquela família. A minha interlocutora ao me mostrar um balcão (figura 7) contou-me que ele está na sua família há mais de 80 anos, que seu avô tinha comprado de um marceneiro local. A partir desse objeto (o balcão) a minha entrevistada me falou sobre os diversos usos que sua família tinha feito. Percebi que aquilo não tinha um valor de uso e um valor de troca. O objeto é agente de uma teia de relações sócio-históricas que transpassa qualquer tipo de mensuração monetária. Até a própria dona não se sente no direito de comercializá-lo, pois ela não se trata como necessariamente dona, mas sim uma guardiã de um objeto da sua família. Ele existia antes de ela nascer e vai continuar existindo depois de sua morte. Esses objetos segundo Carvalho (2008) são considerados uma categoria masculina, pois representam estabilidade, robustez e confeccionados de madeiras nobres. Ao contrário, percebe-se que os detalhes que enfeitam esses objetos como artigos em tricô são feitos e colecionados pela mulher e objetos em porcelana, em geral delicados e menos visíveis do que os móveis representantes do lado masculino. Appadurai faz uma analogia ao Kula de Malinowski quando afirma que o Kula é o exemplo mais bem documentado de um sistema de trocas não monetizado de objetos de valor. Os objetos representam vínculos sociais e de reciprocidade mais ou menos estáveis entre os homens (APPADURAI 2008, p.33).

Considerações finais

Esse trabalho se propôs a inserir uma discussão referente a nova realidade social que se apresenta na cidade de Anta Gorda - RS. Por ser uma cidade pequena e de predominância de descendentes de imigrantes italianos, foi possível perceber a transição que ocorreu da

antiga para a nova dominante cultural. A nova lógica cultural foi se fixando com o passar do tempo dado a exposição que tiveram a novos padrões culturais. Como afirma Leitão e Pinheiro-Machado (2010, p.244) não existe cultura sem objetificação. A partir da inversão da máxima durkheimiana de tratar as coisas como fatos sociais, foi possível realizar a presente pesquisa e entender, por exemplo, a postura da mulher entrevistada diante do seu balcão. Ela nasceu e o balcão já estava lá, ela não pode vendê-lo ou modificá-lo por que representa parte de sua família, de alguma forma, os objetos desse tipo são fatos sociais.

As mudanças que ocorreram no sentido da organização das casas ilustram de certa forma, como as relações entre indivíduo e sociedade foram modificadas durante essas últimas décadas. Essas modificações não devem ser interpretadas no sentido de perda, mas de mudança de autoidentidade no sentido que Giddens (2002) propõe. Segundo o autor, a autoidentidade se torna problemática na modernidade de uma maneira que contrasta com as relações mais tradicionais (GIDDENS, 2002, p.38). Foi possível concluir que os objetos são muito mais do que simples utensílios domésticos, são agentes sociais e que mesmo com as mudanças sociais que ocorrem, eles continuam a serem portadores de história, agentes que ilustram a história daquelas pessoas.

Outra consideração é que ao entrar em campo não nos tornamos simples agentes numa pesquisa antropológica. Quando eu as entrevistei, mesmo não sendo estranho àquele meio, as pessoas se sentem estimuladas em contar suas histórias, relacioná-las com sua casa, e os objetos que está ao seu redor, pois instigamos as pessoas que falem sobre seu passado e reconstruam uma identidade que está sendo modificada com o passar do tempo. Assim, uma pesquisa dita antropológica se transforma numa viagem ao passado das pessoas e aos retalhos deste passado que ainda sobrevive no presente.

Referências bibliográficas:

- APPADURAI, Arjun. **Introdução: mercadorias e a política de valor.** In: APPADURAI, Arjun (org). A vida social das coisas. Niterói: EDUFF, 2008.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos.** São Paulo: Editora Perspectiva, 4ª ed, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **A casa ou o mundo às avessas.** In: Ensaio sobre a África do Norte. CORRÊA, Mariza (org.) IFCH-UNICAMP. nº46, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma da teoria prática.** In: ORTIZ, Renato. (org) Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato:** o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo – A lógica cultural do capitalismo tardio.** São Paulo: Editora Ática, 1995.
- LEITÃO, Débora K. PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Tratar as coisas como fatos sociais:** metamorfoses nos estudos sobre a cultura material. Mediações, Londrina, V.15, nº2, p.231-247, 2010.
- MILLER, Daniel. **Consumo como cultura material.** Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, v. 13, n. 28, dez. 2007.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. **Imagem, magia e imaginação:** desafios ao texto antropológico. Mana. Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, 2008.
- POUILLON, Jean e MIRANDA, P. **A casa kabyle ou o mundo às avessas.** Tradução de PAPAVERO, Claude Guy. Cadernos de campo, n. 8, 1999.
- WEIMER, Günter. **A arquitetura no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto: 2ª Ed., 1987.
- ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Assistir, ouvir, ler e narrar:** o papel da mídia nas construções identitárias étnicas. Revista de Antropologia São Paulo, v. 48, n. 2, 2005.

A “NOÇÃO DE PESSOA” E SUA RELAÇÃO COM A CULTURA: UM ESTUDO COMPARATIVO DOS SISTEMAS POLÍTICOS NUER/KACHIN¹

Marina Arianne Dulcini Demarzo²

Resumo: Utilizando duas importantes etnografias da Antropologia como pano de fundo, este ensaio busca compreender os mecanismos de construção e coesão social a partir da percepção de cada indivíduo nelas inseridos, buscando em que medida essa percepção atua como mantenedor, ou como agente de mudança de suas próprias estruturas, esgueirando às generalizações conceituais, mas objetivando a generalidade dos diversos modos do homem construir-se a si mesmo e ao mundo ao seu redor, ao dialogar de forma distinta com este mundo desde o mais unitário de qualquer estrutura sociocultural: o próprio indivíduo. A partir dos trabalhos efetuados por Evans-Pritchard, resultado de seu estudo entre o Nuer, e Edmund Leach, pela elaboração etnográfica entre os Kachins, e buscando conceitos antropológicos de Dumont, Mauss e Lévi-Strauss, e também da Psicanálise, com Donald Winnicott, o principal intento deste delineamento teórico é pensar como a pessoa formatada pela sociedade em cada indivíduo dá maior ou menor abertura para que ela se aproxime do indivíduo biológico e esteja em contato mais profundo com suas vontades, e como pode se tornar agente de mudança quando esta vontade se coloca, ou como mantém a estrutura, quando sua lógica opera principalmente a partir do pensamento predominantemente social, não individual. No recorte que aqui se apresenta, buscamos como este mecanismo se processa para as diferentes concepções de estrutura política que Nuer e Kachins nos apresentam.

Palavras-chave: Nuer, Kachin, “noção de pessoa”, indivíduo, política.

¹ Trabalho final para a disciplina de Antropologia Política oferecida pela Unicamp no 2º semestre de 2011 e ministrada pelo professor Bernardo Curvelano Freire (PED B).

² Aluna regular do curso de Ciências Sociais – ênfase em Antropologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, IFCH - UNICAMP; e-mail: marinademarzo@uol.com.br.

Apresentação

Este ensaio surgiu a partir de uma disciplina de graduação na qual tivemos a oportunidade de estudar de forma mais aprofundada estas duas obras tradicionais da Antropologia, a saber: *Os Nuer*, de Evans-Pritchard, e *Os sistemas Políticos da Alta Birmânia*, de Leach³.

A partir dessa propícia incursão, foi possível observar a possibilidade de pensar a relação entre a forma como os indivíduos de cada sociedade manejam suas relações sociopolíticas pautando-as no seu próprio entendimento de cada uma delas, ou seja, pensando como Nuer ou Kachin constroem formatações diversas de como podemos pensar as estruturas sociais e políticas, não generalizando uma possível conceituação, mas pensando como cada um define e trabalha suas próprias lógicas.

Aprofundando a intenção aqui apresentada, pretende-se observar os mecanismos últimos – ou primeiros (já que tudo se inicia e termina ciclicamente nas pessoas imersas em cada grupo social) – das diferentes maneiras de um indivíduo, ou ainda, da totalidade dos indivíduos de uma sociedade, se colocar perante sua Cultura, e o seu consequente reflexo para a estabilidade ou não de sua estrutura social.

Pensando como a maleabilidade da cultura está atrelada diretamente ao quanto o indivíduo se percebe integralmente fora dela, o intento é escapar de um perfil abrangente puramente holístico ou puramente individualista da análise das sociedades, mas sim contrapor que cada sociedade se sobressai a uma maneira ou outra, a partir de como ela permite, ou não, que o indivíduo se delineie integralmente, e se perceba integralmente, a revelia de sua própria sociedade.

E além, em como essa percepção de si mesmo lhe permite agir sobre ela, não sendo apenas das sociedades modernas essa característica que as destaque das sociedades ditas tradicionais, mas pensando que o que importa não é a Modernidade⁴

³ “Os Nuer”, que teve sua primeira publicação em 1940, e “Sistemas Políticos da Alta Birmânia, que teve sua primeira publicação em 1954.

⁴ Trabalhar com uma definição de Modernidade é deveras árduo quando percebemos que a relevância do tema já produziu vasto material conceitual. Vários pensadores já se debruçaram sobre o imprescindível tema para compreendermos nossa sociedade e realidade. Aqui tomemos o que nos

em si, mas a formação do indivíduo, na “noção de pessoa” que cada sociedade constrói em seus membros, e na qual a Modernidade (e toda a lógica Ocidental da qual ela surge) pode ser pensada como sua máxima expressão.

Nas leituras feitas a partir destas etnografias então se esboça a percepção distinta que os autores têm das sociedades que cada um empreende compreender e interpretar, resultando inclusive em uma aproximação maior ou menor com as teorias antropológicas tradicionais, por ter, cada um com sua cultura estudada, experiências diferentes, em que uma respalda a compreensão antropológica como está estabelecida e a outra que demanda uma nova visão. Esta perspectiva traz como consequência para os autores um posicionamento diverso sobre a própria Antropologia, em como ela deve ser feita e pensada, e também, na própria aceção de Política, para cada Cultura.

Um “bom tanto” de Antropologia

É nesse sentido que Edmund Leach traz em seus trabalhos uma preocupação clara dos caminhos percorridos pela Antropologia na ânsia da objetividade. As observações, e as buscas de significação e interpretação, se moldam a partir deste contexto racional, delineando seu conhecimento a partir da linguagem científica apropriada: estrutura, sistema, unidade, lógica, modelo, continuidade, comparação.

Na sua experiência etnográfica entre os Kachins, ele apreende as nuances entre a teoria e a prática, entre o que se mostra como laços culturais e estruturas sociais – que fazem jus aos modelos que o antropólogo busca, e a vida cotidiana social, que negocia, reinventa, ressignifica, e quebra a continuidade esperada à unidade social. E, embora ele compreenda a necessidade da Antropologia, como disciplina, de organizar

parece ser pontos de convergência entre a maioria dos autores, pensando que a Modernidade é fruto da racionalização e instrumentalização de pensamentos, modos e relações; que sua continuidade se molda na descontinuidade e na mudança; que a ciência, a tecnologia, a urbanização, a formação de estados nacionais são fatores contíguos a sua lógica e definição. Muitos também advertem para o próximo passo histórico, a Pós- Modernidade, que, para fins didáticos, englobamos aqui sob a mesma denominação, embora seja claro que hoje vivemos em uma condição que nos diferencia do início do século, e mais ainda do começo dessa época moderna. Mas a percepção aqui se mostra como intensidades diferentes de uma mesma lógica de vida, que tende à liquidez (Bauman) das relações, ou ainda que vai da diferenciação do indivíduo quantitativo para o qualitativo (Simmel), sendo essas consequências do fortalecimento do indivíduo integral que se coloca desde o início como meta principal dessa tal Modernidade.

sistematicamente seus resultados, ele vê essa racionalização como uma abstração, e não como descrição dos fatos, exatamente por perceber que no dia a dia as pessoas não professam fielmente seus próprios valores, e um sistema cultural é como um modelo ideal (tal qual Weber), não os acontecimentos cotidianos em si.

Assim, as estruturas sociais, e as culturas que se constituem a partir delas, não se mostram estáticas, como tradicionalmente antropólogos poderiam supor, mas sim em movimento, a partir, segundo ele, do que move geralmente as motivações e as questões humanas: o poder político. Em suas palavras, “os indivíduos que se defrontam com uma escolha de ação irão geralmente usar tal escolha para adquirir poder” (LEACH, 1995, p.73), mostrando que o jogo social é uma mescla constante de ponderação entre o sistema de valores ao qual está imerso e o quanto o indivíduo consegue remodelá-lo para tornar possível a adaptação da sua vontade e interesse individual.

Quando em seu livro supracitado ele aborda as linhagens segmentárias, deixa claro que, diferentemente da maioria dos sistemas de linhagens já estudados até então, os Kachins *gumsa* os tem como estratificadores sociais, e não segmentos opostos e equivalentes (mais próximos aos Kachin *gumlao*). Ou seja, as linhagens são separadas por status sociais, e não por afinidades ou rivalidades. Em suas palavras:

O que torna os Kachins particularmente interessantes de um ponto de vista antropológico é que eles têm uma sociedade que é ao mesmo tempo segmentária e estratificada em classes. Na maioria dos tipos de sistemas de linhagens que foram descritos até agora com algum detalhe, o processo de segmentação de linhagem leva antes a uma “oposição equilibrada” que a um status social, superior e inferior. (o.p., p.212)

Entre os Kachins *gumsa*, as relações de linhagens e parentesco obedecem a uma ordem que não é apenas de diferenciação de quem é ou não seu parente próximo ou ainda seu possível aliado ou inimigo, mas estabelece também uma relação

hierárquica⁵, e tal *status* social é um dos motivos que impele seus indivíduos a galgarem essa relação verticalizada, e contornar e moldar sua própria Cultura para esse fim.

Mas Leach deixa claro que a lógica cristalizada da estratificação das linhagens (em que um indivíduo nascido sob uma delas é a ela preso) é uma ficção, e por todo o percurso de seu livro tenta demonstrar a diferença que pode haver entre a teoria e a prática cotidiana, e que a relação estratificada na realidade é um constante jogo de dádivas e dívidas, e que ganhar ou perder esse status depende em como se manter em cima, por um lado, sempre no esforço máximo de manter sua posição perante os demais pela sua generosidade (como reciprocidade pelas dádivas que recebe por sua posição), e por outro, na tentativa da busca de uma linhagem por alguma conexão aristocrática longínqua, ou ainda, tentando ter sua linhagem reconhecida como sacerdotes (*bawmung*) e não como chefes (ou seja, da aristocracia).

Retornando à ortodoxia sobre a qual Leach contesta, temos Evans-Pritchard e seu trabalho etnográfico entre o povo Nuer. O autor compreende a Antropologia como um intento dividido em três partes fundamentais: a *etnografia*, na vivência e aprendizado do modo de vida do povo estudado, se introduzindo em sua língua e pensando segundo seus valores para reviver sua experiência e traduzi-la em termos de sua própria cultura; após essa tradução, cabe a ele *buscar as estruturas subjacentes* e que fundamentam e ordenam esta sociedade; e por fim, *comparar estes padrões* com os de outras sociedades na busca de estruturas funcionais básicas e causas possíveis de variações. Mas aqui já Evans-Pritchard tenta fugir das Ciências Naturais, e pensa a Antropologia Social como a ciência que busca estudar sistemas simbólicos e morais, buscando por padrões e coerência, mas não leis universais e objetivas⁶.

Sobre sua etnografia entre os Nuer, a demonstração feita é a da concretização dos passos teóricos que ele e sua linha acadêmica traçaram – a corrente inglesa estrutural-funcionalista. Ele discorre longamente sobre a Ecologia (o ambiente

⁵ A relação *mayu-dama*, nesse sentido, se diferencia das outras relações de casamento estudadas anteriormente exatamente por ser estabelecida dentro de estratificações sociais diferentes, não se efetuando em uma relação igualitária e linear entre dois grupos exógenos, mas levando a termo a troca de mulheres como uma dívida eterna a ser paga pelo grupo hierarquicamente inferior, no caso, o do marido. Assim, a família da noiva, denominada *mayu* da família do noivo (considerada *dama* nessa relação), sempre estará em uma posição acima da família do noivo, do qual é sempre credora e sempre espera o retorno por outros meios da mercadoria maior que foi dela oferecida: a própria noiva.

⁶ Evans-Pritchard, 1972, p. 64-65.

em que vivem e sua relação com ele), a formatação de tempo e espaço que eles concebem, com estruturas sociais tão intrínsecas que lhes permite viver sem a presença de um poder centralizado, tendo suas vidas regidas por suas linhagens.

Aqui o entendimento do sistema político Nuer não passa por jogos de poder, mas pelo modo de organização da própria vida social. Um Nuer não está preocupado com as honrarias ou status social que pertencer a uma linhagem de chefes poderia trazer. Segundo o próprio autor, a maioria das linhagens de chefes não pertence aos clãs dominantes⁷, o que sugere que todo o sistema Nuer prevê a manutenção da estabilidade horizontal entre as linhagens, que se pautam nessa mesma lógica para se unir ou não a uma ou outra tribo, clã, etc., Nuer. Podemos inferir a Política como a mantenedora da ordem e do equilíbrio, e não a responsável por alterá-la, como entre os Kachin.

Mas o entendimento de ambas as sociedades, assim como de outras, poderia vir a partir da percepção dos indivíduos de si mesmos e sua consistência e consonância (ou não) com o social, e não a partir de modelos teóricos de estrutura permanente ou moldável, já que a medida da mudança reside antes na cabeça dos indivíduos que carregam uma cultura.

É importante ser observado que quanto mais próximo o “eu” está do todo, menor é a tendência deste ego de modificar e ressignificar seu meio, ao passo que, quanto mais meu entendimento de mim se desprende das minhas funções e papéis sociais, maior é minha autonomia em lidar com eles a meu favor e vontade individual, já que a própria vontade deixa de ser coletiva e se dispersa.

E pensar em kachins e chans, ou em nueres⁸, a partir dessa perspectiva, não é pensar em estruturas sociais que se mantêm no tempo e espaço ou que se ressignificam por eles, tentando generalizar uma ou outra forma de lógica cultural e social como teoria antropológica, mas sim compreender como um indivíduo se percebe como pessoa social, e *qual o seu grau de vínculo com essa percepção*.

⁷ Idem, 1978, p. 184.

⁸ Aqui, para fins de diferenciação, designo pelo termo “Nuers” eles enquanto sociedade, e “nueres”, em minúsculo e com “es”, enquanto a totalidade de indivíduos desta sociedade.

A maleabilidade estaria no quanto o indivíduo e a pessoa⁹ são ou não indissociáveis, e por outro lado, quanto a noção de pessoa está mais aproximada ou não do entendimento individual (como na sociedade ocidental moderna¹⁰), ou seja, a visibilidade da mudança social não estaria em como o antropólogo a interpreta, visando a estabilidade de sua teoria ou a constatação da teoria da mudança, mas essa diferenciação viria das diferentes maneiras que cada povo lida com sua Cultura.

Nesse sentido, o modelo de sociedade de Leach – como aquele modelo que se encaixa para satisfazer a construção de determinado Sistema Cultural, que explica e abrange aquela sociedade, mas que não pode ser trazido para o dia-a-dia delas – se afasta ou se aproxima dessa sociedade real, seja ela qual for, quanto maior ou menor for a diferença entre como o indivíduo se enxerga como ser integral mesmo fora do seu contexto social ou como ser intrinsecamente pertencente a ela.

No intento de somar e abranger a intenção deste ensaio, integramos à conversa outro antropólogo renomado, Claude Lévi-Strauss, para buscar seus conceitos de *bricolage* (e seu desdobramento sobre metáfora e metonímia, que será mais a frente explicitado), e a diferenciação que ele faz do *pensamento selvagem* do científico¹¹, na busca de compreender a produção lógica do pensamento humano (ou *l'esprit humain*), como algo universal a todos os homens, sendo essa mesma estrutura a que oferece base para a construção da Cultura de cada sociedade.

Quando ele aborda a diferença da construção do pensamento selvagem e científico, no livro “O Pensamento Selvagem”, traz a noção de *bricolage*, citada acima, para nos elucidar como se formula o Pensamento Selvagem, compreendendo seu conceito como a construção de um conhecimento a partir da manipulação e modificação de algo já pré-existente, remodelando, reorganizando, dando uma nova perspectiva a

⁹ Por um lado o indivíduo enquanto ser biológico, e além, enquanto indivíduo que se percebe e é constituído integralmente mesmo descontextualizado de sua cultura, enquanto por outro a pessoa, como na definição de Mauss, com papéis sociais internalizados e delineadores da personalidade.

¹⁰ Compreendendo que nossa sociedade, como nenhuma outra, aproxima a pessoa social do próprio indivíduo biológico.

¹¹ Ambos aqui são considerados pelo autor como métodos científicos, no esforço despendido de se compreender e classificar o mundo que o cerca. Nas palavras de Levi-Strauss, a respeito da *bricolage*: “subsiste entre nós uma forma de atividade que, no plano técnico, permite muito bem conceber o que, no plano da especulação, pôde ter sido uma ciência, que preferimos chamar ‘primeira’ ao invés de primitiva (...)” (LEVI-STRAUSS, 1976(b), p. 37). Para a execução deste ensaio, utilizo o termo “científico” para designar o pensamento moderno de ciência, embora aqui fique claro que para Levi-Strauss ambos os pensamentos sejam de mesma natureza e produzidos pela lógica humana.

algo constituído previamente. Essa forma de elaboração deste conhecimento acontece ao se observar com a perspectiva indissociável do todo, tendo impreterivelmente ligação com a complexidade do mundo, que classifica, conhece e reconhece a partir da comparação e da percepção de equivalências na Natureza.

Em contrapartida, o Pensamento Científico é o tipo de lógica que divide, particiona, observa o particular, e aprofunda seu conhecimento de cada objeto de estudo, individualmente. Esta forma de se apreender os processos que são observados capacita o homem a entender quais mecanismos estão subentendidos ao que é visível, por focar e isolar o objeto a ser compreendido.

Enquanto o *bricolage*, no Pensamento Selvagem, faz uso do que já existe pra formar um novo conceito, rearranjando as peças que previamente existem pra formar algo “novo”, a ciência busca por novas explicações a partir de algo que ela pretende compreender mais profundamente.

Recorro a este material conceitual para tentar clarear as opções de uma produção diferenciada de visões de mundo, ao focar o recorte na compreensão de como as maneiras em que se dão essas construções podem estar vinculadas com a constituição do sujeito dentro de cada sociedade, da noção de pessoa que cada grupo formata em seus indivíduos, na medida em que um tipo de pensamento, qualquer que seja, abrange toda lógica social, da qual a própria noção de “eu”, da percepção de si mesmo, está inclusa.

Por este viés podemos delinear que, se um conhecimento construído e partilhado se produz e é reproduzido impreterivelmente perpassando pelas pessoas de cada grupo social, o indivíduo que se compreende à parte de sua sociedade se torna mais capaz de modificar, para o bem ou para o mal, o seu mundo, enquanto que, quando intimamente e impreterivelmente ligado a ela, essa modificação se mostra mais lenta e menos perceptível, dando uma maior impressão de equilíbrio e permitindo maior estabilidade no espaço-tempo¹².

Retornando aos conceitos do autor francês, em sua forte inspiração na linguística (principalmente Saussure), Lévi-Strauss utiliza as figuras de linguagem

¹² Como nós os concebemos.

Metáfora e *Metonímia*, para elucidar como se processa, respectivamente, o Pensamento Selvagem e o Pensamento Científico.

A Metáfora, como processo linguístico, é um artifício da língua que permite dar qualidades de um objeto a outro; a aproximação do Pensamento Selvagem a este recurso é feito na medida em que este, tal como a metáfora, aproxima elementos diferentes a partir de suas qualidades semelhantes. Como se uma mesma essência fosse possível de ser vista e percebida por esta semelhança e, na visão do todo, tais conexões conseguissem mostrar seu sentido.

Já a Metonímia tem como propriedade e definição clássica de “tomar a parte pelo todo”. Com isso o autor tenta trazer à luz o principal objetivo do Pensamento Científico. Não conceber e compreender um objeto a partir da complexidade em que ele se encontra, mas ele por ele mesmo. *Não na sua horizontalidade, mas na verticalidade das suas propriedades*¹³. O homem que pensa cientificamente procura não compreender pelo que é sensível, mas na sua capacidade de abstração do objeto que vai para além do que ele pode observar a olho nu. A partir desta composição (ou seria decomposição?) do seu conhecimento, a Ciência tem como meta ter a capacidade lógica de explicar o mundo racionalmente a partir do recorte que ela estuda, dando definições abstratas e conceituais a este objeto focado. É tomar a parte objetivando a explicação do todo pelo aprofundamento do conhecimento da parte em questão.

Quando pensamos na lógica de Tempo e Espaço dos Nuer, sua relação com essas duas variantes não é abstrata e racionalizada, exatamente por ter com elas uma relação metafórica, em que é indissociável a sua vida social, natural e temporal. Elas são medidas e conceituadas não por elas em si, como termos conceituáveis por si mesmos e passíveis de um entendimento mais aprofundado ou “científico”, mas apenas em conjuntura com as demais variáveis que lhes cercam. O tempo é medido não pela sua existência, mas pela noção de acontecimentos cíclicos de suas vidas; assim também eles percebem o espaço, na medida em que longe ou perto não cabe à distância em quilômetros (ou qualquer medida que por eles seria utilizada), como por exemplo de uma ou outra tribo à deles, mas sim pela distância ou não de vínculos de parentesco ou

¹³ Horizontalidade pela compreensão do mundo em sua totalidade, sem o repartir em “disciplinas”, dividir em “áreas”; ele é um conhecimento que caminha horizontalmente, por não ter quebras, e se encadeia em toda a complexidade do conhecimento totalizante. O outro verticaliza o pensamento: na medida em que particiona, e foca, olha profundamente cada parte fracionada, “verticalizando” seu conhecimento, ou seja, aprofundando, mas em contrapartida, perdendo essa visão integralizada.

aliança. Dias, meses, anos, perto e longe, todo seu ciclo ecológico está intimamente ligado à sua lógica sociocultural de forma interdependente, e por isso mesmo, não passível de ser enxergada individualmente sem perder totalmente seu significado.

E tal produção e reprodução do mundo, metafórica ou metonimicamente, podem ser entendidas como *reflexo* da percepção do indivíduo perante este mundo, a partir de como ele é constituído culturalmente. Por isso, se a sua percepção (do ser humano imerso a determinada sociedade) é estritamente vinculada à ideia de contiguidade, a compreensão passará por ela, e se manterá equivalente a ela. Já se a construção de si é isolada, e se o indivíduo se percebe isoladamente, da mesma forma ele verá e classificará o que está ao seu redor. O homem se torna apto a perceber com profundidade as regras da Natureza, e também de sua Cultura, ao se perceber isoladamente e independente delas, permitindo-lhe modificá-las e moldá-las a seu favor, tanto a Natureza como sua relação com sua Cultura.

O intuito deste ensaio aqui se faz presente. Se ambas as maneiras de conhecimento são produzidas pelo ser humano, como elas influenciam no próprio processo sociocultural? Indo na direção de Marcel Mauss, a tentativa aqui é apontar a importância da diversidade possível de formatação da “noção de pessoa” em cada grupo social, para que ela possa ser pensada (ou, no nosso caso, racionalizada pela nossa formação científica de pensamento) no sentido de compreender como um pode influenciar o outro, compreendendo que tudo está interligado a um tipo de produção de pensamento, “selvagem” ou “científico”, que destrincha os modos de pensar o mundo e por consequência, a si mesmo (ou modos de pensar a si mesmo, e por consequência, o mundo).

Uma pitada de Psicanálise na Antropologia

Trazendo agora a esta conversa o psicanalista inglês Donald Winnicott, um dos nomes mais importantes da Psicanálise: para o autor é quando *sou* que posso *agir* objetivamente¹⁴ no mundo, trazendo a Criatividade como instrumento principal do

¹⁴O autor compreende a Criatividade como instrumento principal do homem de interagir e se integrar no mundo como forma saudável de vida, primeiro na experiência mágica da criação de ferramentas para a realização e atendimento de suas necessidades, quando bebê, imerso em si mesmo e desapercibido

homem¹⁵ de interagir e se integrar no mundo como forma saudável de vida. Dessa maneira, é quando o homem se torna consciente de si que se torna um agente modificador do que está ao seu redor. Essa forma de construção do “eu” como indivíduo agregado a uma sociedade, *mas dela independente*, pode ser pensada como a responsável dialeticamente pela forma de se pensar “cientificamente”, assim como pela possibilidade dada ao homem de lidar com sua sociedade e sua Cultura para que ela beneficie seus intentos pessoais, que são menos consonantes com sua Cultura quanto mais este se percebe fora dela.

A ação no mundo que Winnicott descreve, como reflexo de uma constituição saudável de si, nada mais é que a expressão da produção do “eu” individualizado produzido por nossa forma moderna de vivência social, que apenas se concretiza de forma suficiente quando este “eu” se capacita para agir sobre o mundo e se constitui a partir deste mundo, pelos fatores externos que lhe são imputados, mas na direção de produzir ferramentas psíquicas que o habilitem a se ver fora dele para lhe permitir agir sobre ele.

Pois que, na medida em que o indivíduo se despoja das personagens sociais, das máscaras, como formatadores da *persona*¹⁶, e torna-se um indivíduo que lhe cabe ainda cobrir obrigações sociais, mas sem que essas integrem necessariamente sua própria personalidade e composição de si, seus laços sociais se afrouxam, e ele se aprofunda em si mesmo. Nessa verticalização do entendimento de si podemos extrapolar e abranger a verticalização do próprio Conhecimento, como consequência dessa vontade de mudar o mundo ao seu redor (o natural e o cultural) para o seu benefício individual, já que, ao ver o mundo sem que pertença intrinsecamente a ele, maiores são as vontades de que

do exterior que o ambiente facilitador (a mãe, ou quem cumpra suficientemente bem este papel) lhe proporciona. Depois, na percepção objetiva da realidade, no compartilhamento dela com outros indivíduos, na qual o homem e a mulher saudáveis aparecem como sujeitos que se identificam com a sociedade *sem que percam seus impulsos pessoais e individuais*, na percepção de si como alguém que é, que existe, e que, por ser, se torna capaz de agir no mundo, de fazer.

¹⁵ Pode-se pensar esse homem como o homem ocidental, “psicologizado”, se tivermos a perspectiva de que a Psicologia é uma possibilidade humana de organização mental, individualizada, e que se expressa em sua forma mais explícita na “Sociedade Ocidental”, na qual o autor está imerso. Mas é importante ressaltar que, embora seu estudo se faça com o “homem ocidental” como foco, o grau de “psicologização” de um indivíduo (como ser possuidor de uma personalidade intrínseca e desvinculada da sociedade) pode ter seu ápice na sociedade ocidental moderna, mas as teorias psicanalíticas podem ser levadas em consideração na construção teórica da lógica de outros povos, somando seu conhecimento ao conhecimento antropológico.

¹⁶ Tal como utiliza o termo Marcel Mauss (1974, p.385-389)

este mundo de adéque a si, e não mais há a necessidade impreterível de se adequar ao mundo.

Dessa percepção psicanalítica mergulhamos no entendimento de Louis Dumont, ao esmiuçar o Individualismo e seu relevante entendimento deste traço como predominante da Modernidade, e os veios pelos quais surgiu. Nesse intento ele busca a Índia e sua aparente dualidade coletivo x indivíduo, e nos traz como eles conciliam a rígida postura cultural, de castas, com a escolha possível de renunciar ao mundo, e como este que renuncia “é responsável por todas as inovações religiosas que a Índia conheceu” (DUMONT, 1992, p. 35).

Mas, enquanto Dumont vê que há diferença entre este homem que escolhe viver fora de seu mundo, e nós modernos, exatamente por diferenciar essa escolha de sair de seu mundo social (enquanto nós permaneceríamos imersos nele), ambos são posicionamentos de distanciamento da construção de si que se descola dos valores sociais, e nossa sociedade, neste sentido, seria apenas uma expressão máxima da vivência individual (e quiçá da desconstrução paulatina de um próprio entendimento coeso de sociedade, por consequência). E a intenção da ação sobre o meio se revelaria de mesma natureza, e se materializaria, entre nós, na construção de conhecimentos e na nossa própria vivência.

Introduzindo essa perspectiva na compreensão tanto dos Nuer, de Evans-Pritchard, quanto dos Kachins, de Leach, para a compreensão do âmbito político em cada uma delas, pode-se agora, antes de levar em consideração a validade de uma ou outra interpretação ou teoria antropológica, compreender os processos de entendimento individual em cada uma dessas sociedades, e como elas se refletem na Sociedade, e mais especificamente, na Política.

Como opera essa mistura

A Antropologia, ao longo de sua própria existência, trouxe o entendimento da Política desenraizada da necessidade de uma instituição que a reja, e mostra, em etnografias como as de Evans-Pritchard, que as relações políticas podem ser

organizadas estruturalmente, como nos sistemas de linhagens segmentares¹⁷ dos Nuer, sem a necessidade do Estado, como o conhecemos, além de esclarecer que sociedades sem Estado não necessariamente são ausentes de estruturas políticas que as mantenham equilibradas, ou ainda que permitam a instabilidade organizada, como dos Kachins¹⁸.

Quando Leach ingressa com seu aparato empírico e teórico, tenta desmistificar as sociedades como um sistema equilibrado, demonstrando que a Política, mais que uma *estrutura* reguladora (não uma *instituição* reguladora), ou melhor, que estabelece intrinsecamente que as relações entre um determinado povo não necessitam de uma pessoa ou instituição que centralize este processo, é um constante jogo de relações, tanto de conflito como de integração. O Poder Político (como entre os Kachins) é aí que se faz presente enfaticamente, pois é ele mesmo o objetivo, fundamentando sua existência nas relações assimétricas.

Lygia Sigaud, ao apresentar o livro de Leach, explana sobre a necessidade que o autor vê em inserir no contexto etnográfico um fato para além do ambiente físico (ou ecológico) e do Sistema Político, observando que é preciso levar em consideração o “elemento humano: cujas ambições não podem ser ignoradas (...). Leach atribui à *ação dos homens* um papel central e incorpora a dimensão da incerteza (...)” (LEACH, 1995, p.38 – grifos meus); é pela ação dos homens (e aqui nos remetemos a Winnicott e a Dumont) que se possibilita o processo de mudança social, a ponto de que a própria estrutura seja modificada.

Já entre os Nuer, a estrutura é moldada para que o equilíbrio permaneça. Por exemplo, o chefe tem um status que é contrabalanceado pela falta de importância de sua linhagem, o que inclusive o capacita a ser o mediador entre essas linhagens dominantes (exatamente por delas não fazer parte). A Política, entre povos como eles, não tem um caráter de *ação política*, que demanda autoridade judicial ou executiva; ela organiza e

¹⁷ As linhagens segmentares são assim consideradas por saírem de um ancestral comum e se dispersarem em sub-linhagens que especificam cada linhagem Nuer e se distribuem em inúmeras tribos, que por sua vez reúnem um número de aldeias. Um Clã é formado por várias linhagens que tem em comum um ancestral longínquo. Cada sub-linhagem não tem com outra equivalente qualquer status superior ou inferior, mas sempre de mesma importância, e as relações de aproximação ou não com uma ou outra sempre seguirá essa lógica de equivalência e de parentesco. Assim, uma guerra entre tribos transformarão estas em rivais nesse momento, mas, se elas estiverem sob uma mesma linhagem maior, se unirão para combater uma outra linhagem maior de mesmo nível. Esta relação se estabelece até o seu máximo, na totalidade dos Nuer, contra os Dinkas, seus históricos vizinhos e inimigos.

¹⁸ KUCHINIR; CARNEIRO, 1999, p. 237

dá coesão à própria estrutura social. A ação política é antes uma iniciativa dos jogos de poder, quando das necessidades e vontades de uma estrutura instável que a demande, como mecanismo para que ela não desmorone em suas inconsistências.

Nessa diferença entre pensamentos, cabe abstraí-las para almejar um ponto em comum. Daí pode-se pensar, onde se equivalem nueres e kachins? Levando em consideração que Evans-Pritchard não se “cegou” em benefício de uma *Teoria do Equilíbrio*, ou tão pouco Leach buscou hiperbolicamente os conflitos e modelagens dos indivíduos de seus valores em prol de uma *Teoria da Mudança*, pode-se prescindir que ambos entraram em contato com culturas que formatam diferentemente seus indivíduos para sua sociedade, a partir do pensamento de que toda relação social perpassa pelos indivíduos que estão nela inseridos.

Retornando à Lévi-Strauss e seu conceito de *l'esprit humain*, os homens, como espécie, estão predispostos a uma infinita gama de variáveis para sua formação cosmológica¹⁹, a partir da limitação e possibilidades biológicas do seu cérebro e “espírito” – ou a mente (ainda que essa denominação não alcance seu propósito), permite moldar a partir de sua estrutura naturalmente humana²⁰.

Não se pode esperar que uma teoria ou outra esteja mais ou menos correta para que a Teoria Antropológica caminhe. Se a conformidade não está apenas em como uma sociedade permanece em equilíbrio, nem apenas no pensamento de que sociedades caminham para a mudança de suas estruturas, é preciso pensar o que as molda para uma ou outra direção.

Quando este ensaio que se julga antropológico invoca um psicanalista, é no intuito de trazer o entendimento de que a *ação* no mundo anda contiguamente com a compreensão e constituição de si *no* mundo, mas *fora* dele, e que esta percepção não se restringe aos indivíduos da Sociedade Ocidental Moderna. Entre os Nuer, ao menos pelo acesso que temos de sua descrição, a constituição de toda sua cultura é interconectada: as concepções de tempo, espaço e ecologia se conectam ao seu sistema

¹⁹ No sentido de “visão de mundo”.

²⁰ E que atua, segundo Lévi-Strauss, por pares de oposição. Embora não seja esta a preocupação do ensaio, o autor francês busca nos mitos que estuda as oposições duais que demonstrariam a natureza do pensamento humano, a partir da extração do que há de comum em todos eles. Aqui uso apenas a ideia de que o homem é, como espécie, o mesmo em todas as culturas, e que se moldam a partir dessa mesma “matéria”.

sociocultural, sendo que só por eles, e entrelaçados a eles, é construído seu sentido e significado, como já aqui antes observado, e também, na própria coerência dessa lógica, essa ligação perpassa por seus indivíduos, como seres intrinsecamente relacionados com sua sociedade. É a ação do pensamento metafórico ao qual Lévi-Strauss faz referência.

Por isso mesmo entre eles não se fala em *ação política*, pois a Política não está na vontade de seus indivíduos, entre os Nuer, e sim na manutenção da sua estrutura social. O Sistema Político se coloca para *manter*, não para *mudar*. A mudança se localiza na ação, que tem sentido (e é o que permite sua existência) entre os Kachins, quando na constituição de um *eu* com vontade individual, e passa a conformar o mundo ao seu redor a partir das suas intenções pessoais.

Lévi-Strauss, ao explicar sobre a História, diz:

A historicidade ou, pra ser mais exato, a riqueza em acontecimentos de uma cultura ou de um processo cultural, são função, não de suas propriedades intrínsecas, mas da situação em que nos encontramos em relação a elas, do número e da diversidade de nossos interesses, que nelas empenhamos (LÉVI-STRAUSS, 1976(a), p.345).

A História assim, pode ser pensada como o resultado dos comportamentos individuais perante sua própria sociedade, a partir do entrosamento ou não de nossos interesses pessoais com os valores da cultura que a rege. A Sociedade Ocidental, nesse sentido, é observada como a expressão máxima do caminho que percorrem unidos a mudança histórica das estruturas sociais e a individuação das pessoas, que na medida em que se constroem e se integram como seres completos a despeito da sociedade, *tomam suas rédeas*, e a modificam.

A grande, e natural (ou talvez, cultural?), preocupação que a Antropologia têm tido, crescentemente desde seu início, em dar voz e personalidade aos indivíduos de cada sociedade estudada pode ser vista não como uma necessidade absoluta desses indivíduos, mas como um reflexo do nosso próprio entendimento de pessoa, que necessita *ser* por si mesma, independente de seu contexto, para que seu real valor seja reconhecido. A importância que damos ao recorte espaço-temporal, ou ainda, ao sujeito de nosso estudo (e não objeto – também uma preocupação nossa), das etnografias que

um pesquisador empreita construir é também fruto de nossa psicologização²¹, como ser humano que só tem sentido enquanto valorizado individualmente.

Já finalizando esta empreitada, é preciso esclarecer que é impossível medir “graus” de quanto um indivíduo se compreende ou não fora de sua sociedade, nem tão pouco esta seria uma escala de desenvolvimento progressivo, como alguns poderiam ainda supor, ou ainda supor que aqui isso se supõe. O fato é que existem diferentes modos de se compreender (compreender a si mesmo) dentro de seu grupo, e esta forma de concepção permitiria caminhar para um ou outro caminho, de Estabilidade ou de Mudança. Transformando, em sua essência, o que nós denominamos por um mesmo nome, tomado aqui, o Sistema Político. Aos Nuers, sua *estrutura* política serve à manutenção do seu grupo; aos Kachins, sua política é um *agente* de manutenção da sociedade, mas não como estabilidade, e sim como mudança.

²¹ Nos termos que explano na nota 15 deste ensaio.

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

DUMONT, L. *Ensaio sobre o Individualismo. Uma Perspectiva Antropológica Sobre a Ideologia Moderna*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Antropologia Social*. Ana Maria Bessa (trad). Lisboa: Edições 70, 1972.

_____. *Os Nuer: Uma Descrição do Modo de subsistência e das Instituições Políticas de um Povo Nilota*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

KUPER, Adam. *Antropólogos e Antropologia*. Álvaro Cabral (trad.). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1978.

KUSCHNIR, Karina; CARNEIRO, Leandro Piquet. *As Dimensões Subjetivas da Política: Cultura Política e Antropologia da Política*. Estudos Históricos, 1999, vol. 24. Artigo on-line disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2100/1239>. Último acesso em 03 de dezembro de 2011.

LEACH, Edmund. *A Diversidade da Antropologia*. Maria Costa Fontes (trad). Lisboa: Edições 70, 1982.

_____. *Repensando a Antropologia*. José Luis dos Santos (trad.). São Paulo: Perspectiva, 1984.

_____. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. Geraldo Gerson de Souza, Antônio de Pádua Danesi e Gilson Cesar Cardoso de Souza (trads.). São Paulo: Edusp, 1995.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Capítulo XVIII – Raça e História*. In: *Antropologia Estrutural* Dois. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976(a)

_____. *O Pensamento selvagem*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976(b).

_____. *Os Pensadores: Claude Levi-Strauss, Seleção de Textos*. Victor Civita (editor). São Paulo: Abril Cultural, 1976(c).

MAUSS, Marcel. *Uma Categoria do Espírito Humano: a Noção de Pessoa, a Noção do Eu*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

SIMMEL, Georg. *A Metrópole e a Vida Mental*. In: *O Fenômeno Urbano*. Otávio Guilherme Velho (organizador). Rio de Janeiro: Zahar, 1973. pp. 11-25.

PERRONE-MOISES, Beatriz. *Conflitos Recentes, Estruturas Persistentes: Notícias do Sudão*. Revista de Antropologia. [online]. 2001, vol.44, n.2, pp. 127-146. Arquivo on-line disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000200004&lng=pt&nrm=iso. Último acesso em 01 de dezembro de 2011.

WINNICOTT, Donald W. ***O Ambiente e os Processos de Maturação: Estudos sobre a Teoria do Desenvolvimento Emocional***. Irineu C. S. Ortiz (trad.). Porto alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. ***Vivendo de Modo Criativo***. In: Tudo começa em casa. Paulo Sandler (trad). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NOVOS AGENTES SOCIAIS E A AGENDA 2020: A HABILIDADE SOCIAL E A REPRESENTAÇÃO DE INTERESSES EMPRESARIAIS¹

Rodrigo Campos Dilelio²

Resumo: A Agenda 2020 é composta por dezenas de entidades representativas da sociedade gaúcha e cabe às federações empresariais, da indústria, do comércio, do agronegócio, a condição de protagonistas neste que aqui será tomado como um Espaço Público. A análise das motivações e a forma como são construídas as identidades coletivas pelas quais diferentes agentes empresariais mobilizam segmentos da sociedade gaúcha em favor de um projeto de desenvolvimento econômico, constitui-se como área de interesse da sociologia, e mais recentemente, do campo da sociologia econômica.

Palavras chave: agentes empresariais; globalização; desenvolvimento.

Introdução

O presente artigo busca discurrir sobre a ação dos agentes empresariais no contexto de formação e implementação de uma agenda voltada para o desenvolvimento econômico do Estado do Rio Grande do Sul. As unidades de análise da que compõem a síntese deste trabalho² consistem nas quatro principais federações empresariais do Estado do Rio Grande do Sul: FARSUL, FECOMERCIO, FEDERASUL e FIERGS.

A análise da contribuição dessas federações no âmbito da Agenda 2020 é feito através de processo indutivo, método pelo qual foi verificado na realidade social um problema de pesquisa. O interesse científico seria encontrar diferenças e semelhanças entre concepções de desenvolvimento econômico e a representação destas concepções quando analisadas nas dimensões do mercado global, do Estado, da participação social e do meio ambiente, a partir de propostas elaboradas no contexto da Agenda 2020.

¹ Pesquisa realizada para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

² Graduando que defendeu o Trabalho de Conclusão de Curso em 13 de Julho de 2012. rodrigo_campos@hotmail.com

O trabalho de campo foi desenvolvido entre os dias 5 de maio e 9 de setembro de 2011, com a realização de seis entrevistas semi-estruturadas. Em duas destas entrevistas, os interlocutores optaram por não autorizar a gravação de áudio, e sendo assim, as informações coletadas foram registradas em diário de campo.

Entre os dirigentes empresariais entrevistados pelo menos dois exerceram a condição de presidente de instituições de representação empresarial (federações empresariais), sendo que estes ainda integram os conselhos administrativos, tanto da Pólo-RS quanto das federações que presidiram. Os demais compõem os quadros da diretoria executiva das respectivas federações, e, dado o caráter reservado das informações, serão identificados como Informantes.

A ordem das entrevistas é utilizada como referência para a identificação dos informantes, considerando o seguinte esquema:

- A entrevista realizada em 23 de maio de 2011, nas dependências da Câmara dos Deputados em Brasília, corresponde ao “Informante 1” e a federação empresarial em que atuou é aquela vinculada ao comércio varejista, a FECOMÉRCIO;

- A entrevista realizada em 14 de julho de 2011, nas dependências de uma das federações empresariais, corresponde ao “Informante 2”. Cabe ressaltar que nessa entrevista também houve a presença de dois informantes, um homem e uma mulher, que atuaram no processo de construção da Agenda 2020 na condição de consultores técnicos. Ambos atuam como assessores técnicos na FECOMÉRCIO. Aqui, portanto, o Informante 2 será tratado como ente coletivo (tomado em conjunto);

- A entrevista realizada em 19 de julho de 2011, nas dependências da sede da Pólo-RS, corresponde ao “Informante 3”. Trata-se de um dos principais assessores técnicos da Agenda 2020, responsável pela memória coletiva do processo de constituição da Agenda;

- A entrevista realizada em 20 de julho de 2011, nas dependências FEDERASUL, corresponde ao “Informante 4”;

- A entrevista realizada em 11 de agosto de 2011, nas dependências da FARSUL, refere-se ao “Informante 5”. Faz-se necessário destacar que o informante, dirigente empresarial, esteve acompanhado por mais de um assessor em diferentes momentos da entrevista, todos na condição de assessores técnicos e participantes dos fóruns da Agenda;

- A entrevista realizada em 9 de setembro de 2011, no escritório particular de um dos dirigentes executivos da FIERGS, corresponde ao “Informante 6”.

A pesquisa também envidou uma observação de campo e uma incursão/diligência em repartição pública. A observação de campo deu-se na ocasião da instalação da Câmara Temática de Ciência, Inovação e Desenvolvimento Tecnológico, que funciona no âmbito do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social do Rio Grande do Sul³ (CDESRS). Todas as inferências a respeito da importância e da valorização das atividades de Pesquisa/Inovação/Desenvolvimento foram extraídas a partir da exposição realizada nesta mesma ocasião pelo Secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Cléber Cristiano Prodanov⁴.

Aspectos do debate recente sobre o Desenvolvimento e a ação empresarial

Os estudos sobre o tema tendem a conceber o universo empresarial de forma homogênea, supondo uma “ideologia” comum à classe empresarial. Apesar da importância da contribuição desta literatura (ALTHUSSER, 1992; POULANTZAS, 1971; 2000), a ideia seria explorar a complexidade e a diversidade de pontos de vista neste universo, enfocando sociologicamente a perspectiva com que agem os agentes empresariais.

Procurando evitar a supervalorização de determinações estruturais, propõe-se analisar os conflitos e a cooperação entre os agentes a partir do conceito de Habilidade Social (FLIGSTEIN, 2009), de modo que seja possível analisar eventuais correspondências entre a diversidade da representação empresarial e a existência de interesses distintos existentes entre eles.

³ O Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social é um espaço público não estatal que tem o papel de analisar, debater e propor diretrizes para promover o desenvolvimento econômico e social do Estado do Rio Grande do Sul. É órgão consultivo do governador e integra o Sistema Estadual de Participação Cidadã. Busca intensificar o diálogo e a concertação, fortalecendo a democracia no Estado. Tem em sua constituição a pluralidade da sociedade gaúcha, num ambiente de reflexão, trânsito de ideias, reconhecimento das diferenças na busca de consensos. Fonte: Termo de referência para instalação do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social do Rio Grande do Sul (www.cdes.rs.gov.br – acesso em 19/11/2011).

⁴ Segundo o Informante 3, o secretário Cléber Prodanov foi colaborador assíduo dos fóruns temáticos da Agenda 2020 até ser convidado para tornar-se Secretário de Estado.

Pode-se supor, a título de hipótese, que grandes e pequenos empresários tenham interesse e projetos de desenvolvimento distintos e o mesmo ocorrendo entre setores produtivos tradicionais e os mais dinâmicos da economia, ou ainda, entre setores voltados preponderantemente para o mercado interno e aqueles mais integrados à economia globalizada.

Contudo, na esteira do processo de consolidação da democracia brasileira e dos espaços públicos, agentes empresariais de todos os matizes convergem na adoção de uma estratégia de ação concatenada com a sociedade civil, de modo a arregimentar apoio a sua pauta de reivindicações junto ao Estado. Nessa perspectiva, a busca pela qualificação da mão de obra, o incremento da infra-estrutura e o equilíbrio nas contas públicas, que em geral são representativas da agenda de responsabilidades do Estado, passam a integrar permanentemente a agenda de reivindicações do campo empresarial. Quando não são bem atendidos pelo Estado, os temas componentes desta nova agenda, segundo uma visão comum entre os empresários, têm forte repercussão no aumento dos custos de produção e perda de competitividade perante o mundo globalizado.

Por seu turno, a globalização assume uma face dominante ao longo do ciclo de desenvolvimento aberto com as *reformas estruturais* (STIGLITZ, 2001), conhecido também como produto do Consenso de Washington⁵, que introduziu de modo muito eficaz e generalizadamente, a idéia de que Estado e Mercado devem agir em estreita cumplicidade. O equilíbrio dessa cumplicidade consistiria na permeabilidade destes dois agentes à sociedade civil, de modo que fossem projetadas governanças, capazes de eliminar do âmbito político, as diferenças que marcaram a esquerda e a direita em nome de uma agenda civilizatória para o mundo pós Guerra Fria.

Nesse sentido, o debate atual sobre o Desenvolvimento se referencia também pela representação do capitalismo informacional analisada por Castells (1999), e que se reporta, sobretudo, ao processo de massificação do consumo de artefatos eletro-eletrônicos (indústria do entretenimento) no extremo leste asiático. Por outro lado, às implicações do aquecimento global introduziu novas estratégias para geração de

⁵ Consistiu num acordo entre o FMI, Banco Mundial e o *Federal Reserve System* (o banco central dos EUA) sobre quais seriam as condicionantes para a concessão de empréstimos por parte do sistema financeiro internacional aos governos nacionais que buscavam recursos para financiar políticas de desenvolvimento ou para o resgate de economias em crise (STIGLITZ, 2001). Esse termo também é conhecido como “consenso neoliberal”, responsável, no caso brasileiro, pelo programa de privatizações de diversos setores da economia durante o primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-1999).

desenvolvimento econômico e que agora estariam sujeitos a idéia de “Governança⁶” (GIDDENS, 2009) e não mais numa estratégia nacional desenvolvimentista de tipo tradicional.

Considerando as análises oferecidas por Castells (1999) e Giddens (2010), é possível afirmar que a globalização se torna objeto empírico na realidade social a partir de políticas de desenvolvimento econômico que visam à integração de setores produtivos nacionais às cadeias globais de produção e consumo, e desse modo, ativam forças e capacidades dos atores locais, dinamizando economias regionais, gerando novos empregos e atividades, exigindo novos conhecimentos e qualificações de empresas e de trabalhadores, diversificando mercados de trabalho locais e requerendo novas instituições sociais e políticas (GARCIA, 2006, pg.94).

Em se tratando de uma hipotética diversidade de interesses empresariais no bojo do processo de globalização, as recentes contribuições de Neil Fligstein (2009) tornam-se particularmente úteis. Segundo Fligstein (2009), a reprodução dos campos sociais componentes do sistema capitalista (Economia, Cultura, Mercado e Política) dependem do desempenho habilidoso dos atores no sentido de identificar entre diferentes interesses, possibilidades para promover algum tipo de cooperação, com base na formação de identidades coletivas.

A posição dos atores diante de novos desafios

O estudo da Agenda 2020 torna-se relevante porque expressa uma mobilização liderada por agentes empresariais no sentido de elaborar um projeto comum de desenvolvimento para o estado do RS.

A experiência é significativa sobre o pensamento e a diversidade empresarial, embora não seja estatisticamente representativa dessa classe. Neste caso, o objetivo da pesquisa foi pautado pelo interesse em compreender a diversidade de interesses, valores e projetos dos agentes empresariais, assim como conhecer como prevalecem alguns pontos de vista em detrimento de outros no interior desta agenda de desenvolvimento. Ademais, seria interessante saber com quem esses empresários se propõem a discutir o

⁶ Iniciativas políticas que envolvem basicamente Governos, mundo corporativo, eventualmente entidades sindicais e instituições de ensino, além da sociedade civil (que age, sobretudo, por meio de ONG's).

desenvolvimento do estado. Nesse caso, quem, como e por que, consegue impor seu projeto de desenvolvimento na Agenda 2020?

Com base em pesquisa de campo junto aos agentes empresariais, percebe-se certa acomodação com as determinações sócio históricas da democracia, o que os têm levado a tomar parte ou estimular a criação de governanças locais, no sentido de promover, a partir de suas entidades representativas, espaços de convergência com trabalhadores organizados e instâncias do poder público, consórcios, câmaras e agências locais de desenvolvimento. Segundo Costa Lima (2009) esses espaços são marcados pela ação propositiva de diferentes agentes sociais e estão, via de regra, orientados para a formulação de um projeto de desenvolvimento econômico.

O caso da articulação empresarial para fins de incidência no debate sobre desenvolvimento econômico e social no quadro dos anos 1990 é um fundo histórico interessante para fins de observação de relações causa efeito, pois teve como principal reflexo uma intensa concorrência entre os Estados brasileiros e que disputavam a atração de novos investimentos estrangeiros, processo conhecido como *guerra fiscal*.

A mobilização política da burguesia industrial no Rio Grande do Sul em favor de uma política de financiamentos, subsídios e renúncias fiscais às empresas automobilísticas se colocou dentro desse quadro de acirramento da competição dos principais Estados pelos investimentos estrangeiros realizados na década de 1990 no Brasil (CADONÁ, 2009).

A imposição da competitividade via subsídios fiscais caracterizou uma primeira e nova etapa de reorganização do Estado no seu sentido mais amplo. Entre os anos de 1995-1996, empresários tendo a frente Jorge Gerdau Johampeter desencadearam uma ampla e pública ofensiva em favor de uma agenda econômica para libertar o Brasil das amarras de um Estado burocrático desenvolvimentista. Segundo Eli Diniz

Durante o primeiro mandato do Presidente Fernando Henrique Cardoso, a CNI (Confederação Nacional da Indústria), sob a direção de Carlos Eduardo Moreira Ferreira, (*os empresários*) revelaram alta concordância com as prioridades da agenda pública, principalmente no tocante às chamadas reformas estruturais. Em maio de 1996, uma caravana de cerca de 3000 empresários, comandada pelas principais entidades de classe deslocou-se para Brasília a fim de apoiar o governo em seus esforços junto ao Congresso Nacional para aprovar as reformas constitucionais⁷ (DINIZ, 2010).

Fica evidente, a partir deste episódio, que a premissa para o sucesso da ação habilidosa designada por Fligstein (2009) é o estabelecimento de identidades coletivas como motivação para ação. As ações hábeis revelam-se especialmente na dimensão

⁷ O chamado “plano de desestatização”.

local da vida social, embora a exemplificação se reporte a um episódio nacional. Sendo assim, o estudo sobre a reprodução dessas estruturas de articulação com base na habilidade social dos agentes é uma oportunidade adequada para compreender a influência do local e do regional nas formações sociais mais amplas, como o Estado nação ou nas unidades federativas (no caso brasileiro).

Fligstein e a habilidade social

O conceito de *habilidade social* é aplicável a uma série de fenômenos sociológicos que compartilham características comuns: movimentos sociais (luta política organizada), ONG's, empresas, e demais movimentos reivindicatórios. Essa teoria serve para encontrar os “empreendedores” e examinar suas táticas, como eles divulgam suas idéias, como constroem coalizões políticas e como persuadem os outros a admitir novas identidades. A criação de instituições é o resultado da interação social entre atores se confrontando em campos ou arenas. Atores com recursos podem utilizar instituições para reproduzir sua posição. Atores sem recursos podem utilizar as regras existentes de forma a criar novas instituições.

Considerando a formação de identidades coletivas como primeira etapa no processo organizativo dos segmentos empresariais para fins de incidência no debate sobre desenvolvimento econômico, a institucionalização constituir-se-ia na segunda etapa. Nela, as regras passam de combinações não oficiais, abstrações, à organização de padrões de interação nos diferentes campos de atuação e entre os agentes. Os empreendedores de idéias, em grande medida, são os responsáveis por essas iniciativas.

É nesse novo cenário que os empresários gaúchos, a despeito da diversidade de seus interesses e visões sobre o desenvolvimento econômico, buscam apoio da sociedade civil e cumplicidade das instâncias do poder público à suas demandas.

Constituição e dinâmica da Agenda 2020

A Agenda 2020 constitui-se numa iniciativa das principais federações empresariais, reunindo também dezenas de entidades da sociedade civil e instituições públicas. Seu objetivo central e permanente é a manutenção de um espaço plural voltado à construção de propostas para o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul.

Ilustração 1 – Federações Empresariais e suas respectivas bases de representação

FEDERAÇÕES EMPRESARIAIS	PERFIL DAS INSTITUIÇÕES REPRESENTADAS	Exemplificação de entidades representadas
FARSUL	*Sindicatos rurais municipais e/ou regionais; *Associações de criadores de animais.	*Sindicato Rural de Bagé; *Associação de Criadores de Avestruzes do Rio Grande do Sul.
FECOMERCIO	*Sindicatos filiados no segmento do comércio varejista e atacadista; *Agentes Autônomos de Comércio e turismo;	*Sindicato do Comércio Atacadista de Alcool e Bebidas em Geral no Estado do Rio Grande do Sul.
FEDERASUL	*Associações empresariais de todos os setores da economia: indústria, comércio, serviço e agricultura.	Associação Comercial, Industrial e Agropecuária Capela de Santana/RS.
FIERGS	*Sindicatos patronais de todos os segmentos da indústria.	Sindicato Empresas Refeições Coletivas da Região Nordeste do RS.

A construção da Agenda 2020 ocorreu por meio de um processo de reflexão dos empresários gaúchos sobre a baixa capacidade do Estado em promover investimentos em infra-estrutura e atender a sociedade através dos seus serviços de maneira satisfatória. Desse modo, estabeleceu-se um elo inicial entre os interesses imediatos das diferentes federações empresariais e a sociedade civil.

A consolidação da Agenda 2020 como espaço público é identificada através da sua capacidade de atrair setores da sociedade civil e do Estado para seus fóruns, dotando-os de legitimidade e relevância para incidir junto ao Governo do Rio Grande do Sul.

Em reunião do Conselho de Administração da agência Pólo RS, logo no início dos anos 2000⁸, Jorge Gerdau Johampeter, o mesmo ator empreendedor da mobilização empresarial para fins de sensibilização do Congresso Nacional no sentido de aprovar o plano de desestatização da economia no ano de 1996 (DINIZ, 2010), registrou a

⁸ Entrevista com o Informante 3.

seguinte indagação a seus pares: “Que Rio Grande do Sul nós queremos para 2020? Há alguma idéia, algum planejamento, alguma coisa, nesse sentido?”.

A ação empreendedora no mundo corporativo é entendida como a capacidade de transformação de conhecimentos e bens em novos produtos, ou seja, são idéias criativas que ajudam a produzir coisas novas, novos cenários. Fligstein (2009) identifica nessa caracterização a ação hábil capaz de mobilizar outros agentes dentro dos mesmos campos de interesses e eventualmente agentes que atuam em outros campos ou com interesses diferentes.

Conforme indicado em entrevista, a provocação feita por Jorge Gerdau, o conselho de administração da Pólo-RS passou a considerar a importância de envolver a sociedade civil de modo que a iniciativa fosse associada tanto ao ideal da representatividade (em razão disso buscou-se pela participação da sociedade através de seus líderes⁹), como a aproximação com o princípio da democracia participativa (Relatório da Agenda, 2009).

A idéia de chamar a sociedade civil tem origem na intenção de convocar os líderes da sociedade gaúcha, produzir diagnósticos e soluções para superação de entraves ao desenvolvimento econômico do Estado do RS. Dito de outro modo, aproveitar o potencial positivo que representa a interlocução com a sociedade civil, o que também evitaria, oportunamente, a disseminação da idéia de que se tratava de um movimento de interesse eminentemente empresarial¹⁰.

Se num primeiro momento as questões convergiam, dado o objetivo da atividade inicial, de construção de um balanço/diagnóstico da situação atual do Estado do RS, os consensos foram construídos mediante superação de propostas de alto poder de divisão, não entre os diferentes setores empresariais ali representados, mas com agentes de outros segmentos, destinatários do assédio empresarial em favor da formulação de uma agenda de desenvolvimento para o Estado.

O processo de acomodação dos interesses e a construção dos consensos estão inseridos na organização dos fóruns temáticos¹¹. Uma oportunidade representativa do modelo adotado para mitigação das diferenças em nome de consensos ou de denominadores comuns aos agentes, empresariais e dos demais segmentos da sociedade

⁹ Entrevista com o Informante 3.

¹⁰ Entrevistas com os informante 1, 3, 4 e 6.

¹¹ São 9 os fóruns temáticos que compõem a Agenda 2020: agronegócio, cidadania, desenvolvimento regional, educação, gestão pública, infra-estrutura e logística, inovação e tecnologia, meio ambiente, saúde e segurança. (Fonte: www.agenda2020.com.br – acesso em 19/11/2011).

civil e instituições públicas, podem ser melhores compreendidos a partir da explicação prestada por um dos agentes envolvidos com a organização cotidiana da Agenda

Então tu tens esse episódio do Banrisul, que aconteceu no fórum temático de Gestão Pública (...) O fórum de gestão pública é um dos temas que foram considerados prioritários (...), realmente, foram levadas duas questões importantes, uma delas foi o tema da privatização do Banrisul, que é pauta das federações empresariais. Faz parte das proposições deles, hoje se fala pouco nisso, mas naquela época (2007/8) se falava mais, pois houve uma reorganização do Banrisul e então teve também um empréstimo do Governo Federal, na realidade o lucro do banco era mais ilusório porque tinha vindo esse recurso (...) mas a discussão era, em cima disso, era um momento em que quase todos os Estados estavam vendendo seus bancos ou já tinham vendido. Esse é um ponto chave. O outro ponto chave foi a questão da UERGS, da Universidade do Estado do Rio Grande do Sul, que a proposta empresarial era também de extinção da UERGS, de acabar com a UERGS, que custava, eu acho que na época era R\$ 32 milhões de reais ao ano, se eu não me engano. Não tenho idéia do quanto é hoje. Não sei se é mais ou é menos, e dizia-se que esse recurso devia ser investido, ser utilizado para outros objetivos, que não a UERGS, que ela poderia ser suprida por outras universidades que já existem no RS. Isso foi levado (ao fórum temático) por algumas pessoas, não me lembro por quem agora, mas era uma representação empresarial, não lembro o nome, alguém que representou Fiergs, Federasul ou Fecomércio, etc etc.. até por que era o momento de fazer aquilo, quer dizer, o primeiro momento da Agenda 2020, os objetivos de então era saber quais iriam ser os projetos e propostas prioritárias para atingir aqueles objetivos. E o grupo realmente não conseguiu buscar consenso em torno dessas propostas trazidas por uma das federações empresariais. Então acabou que isso não ficou dentro dos objetivos consensuais e não consta no pano estratégico e nem como proposta da Agenda 2020. (Informante 3).

O interesse das federações empresariais no processo de articulação de sua nova agenda de reivindicações consiste em traduzi-las como desejo idêntico aos da sociedade civil, o que corresponde igualmente a uma nova etapa nas relações sociais estabelecidas entre Governo, Sociedade Civil e Mercado. É nesse novo contexto, que atores hábeis procuram dedicar suas capacidades empreendedoras para, no âmbito da articulação política, promover um ambiente de cooperação em dois tempos.

Retomando o diálogo com a contribuição de Fligstein (2009), primeiramente projeta-se uma identidade comum; no segundo, a afirmação de interesses que perpassem o conjunto dos atores envolvidos e com o que haja um elo visível, que dê liga entre os

participantes, o que permitiria desde então, o estabelecimento de metas e objetivos comuns.

A posição das Federações empresariais

A FIERGS e a FEDERASUL compreendem a representação empresarial mais dinâmica e mais envolvida com os temas vinculados a agenda de uma nova economia. De sua parte, a integração da economia gaúcha ao Mercado Global está intimamente vinculada à capacidade do Estado em diminuir o custeio de suas operações, especialmente aqueles destinados à cobertura do déficit da Previdência. A drenagem destes recursos para a educação e investimentos em infra estrutura criariam uma espécie de efeito cascata positivo, com implicações nos custos de produção e qualificação dos trabalhadores.

Por seu turno, a FARSUL admite identidade com a pauta principal da FIERGS e FEDERASUL, embora mostre nítido contraste quando apresenta suas demandas em oposição ao presumido ativismo ambiental instalado nas repartições públicas. Entretanto, suas reivindicações por maiores investimentos na FEPAGRO, na assistência técnica aos produtores rurais, também a remeta ao reconhecimento de que seus processos produtivos possam (devem) ser dotados de maior eficiência.

Em relação à FECOMERCIO se verifica, com base no estudo de suas contribuições a partir da assessoria e notas técnicas dirigidas ao debate sobre redução da jornada de trabalho, que suas reivindicações encontram respaldo principalmente na FIERGS e FEDERASUL. Há um alinhamento contrário ante as propostas de diminuição da jornada de trabalho sem redução de salários entre essas três federações, ainda que esta não seja uma posição da Agenda 2020.

As linhas gerais do diagnóstico que subsidia a elaboração de propostas da Agenda 2020 se sustentam em consultorias e estudos das assessorias técnicas das quatro federações empresariais. Embora não seja notabilizada pela exigência de investimentos em educação, ciência e tecnologia, a FEDERASUL foi responsável por uma das maiores delegações no encontro fundante da Agenda 2020. Essa delegação ofereceu como diagnóstico ao conjunto das demais representações empresariais e entidades da sociedade civil a ideia de que a política ambiental carece de critérios técnicos e se

ampara em ativismo ambientalista, não na pesquisa científica propriamente. Não há registros de contrariedade a esse diagnóstico.

A condensação das propostas que correspondem à contribuição de empresários e sociedade civil seguiu o seguinte roteiro: formação de uma identidade a partir de um diagnóstico comum, apresentação de propostas, delimitação do que seriam os consensos possíveis, e por fim, apresentação de mapas estratégicos. Os temas sobre os quais não haveria possibilidade de se chegar a um consenso, acabaram de fora dos relatórios de propostas da Agenda 2020.

Resta claro, portanto, que o no seu conjunto, as federações reconhecem o fortalecimento da posição do Estado (enquanto ente nacional e subnacional) em relação ao Mercado. Sendo assim, a política de privatizações, levada a mesa de negociações por mais de uma das federações, acabariam por incorrer numa agenda de confrontos, tal como no momento histórico (década dos 90) onde foram desenvolvidas políticas de ajustes estruturais (STIGLITZ, 2001), e mais especificamente, o período em que campeou no Brasil e no Rio Grande do Sul o processo de modernização econômica marcado pela atração de investimentos estrangeiros e privatização de instituições estatais (CADONÁ, 2009; DINIZ, 2010).

As três federações empresariais de âmbito urbano, FIERGS, FEDERASUL e FECOMERCIO, adotam um comportamento mais homogêneo sobre os temas da conjuntura, e no plano da imagem, suas empresas representadas se associam compromissos com a agenda da sustentabilidade, e em alguns casos, adotam programas de educação ambiental entre seus funcionários, conforme verificado em documento recomendado pela Confederação Nacional da Indústria¹².

Em relação à FARSUL, foi constatado um certo desconforto com as exigências ambientais, embora a ação política da federação tenha adquirido uma perspectiva de maior cooperação com o poder público. No mesmo período e processo histórico analisado por Cadoná (2009), no qual o autor se dedica ao estudo sobre a ação empresarial da FIERGS no chamado *caso FORD*¹³, a FARSUL, por seu turno, lançou mão de pesadas críticas ao então Governador do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra, identificando-o como adversário do agronegócio e amigo da Via Campesina.¹⁴

¹² Ver mais em www.cni.org.br (acesso em 20/11/2011)

¹³ Ver mais em Cadoná (2009).

¹⁴ (INSTITUTO HUMANITAS ..., 11 jun 2012).

A valorização da interação e colaboração entre diferentes agentes sociais também é representativa dessa ação empreendedora. O caminho da participação social e construção de espaços mais amplos entre empresários e sociedade civil é uma opção admitida por todas as federações empresariais. As liberdades econômicas, políticas e civis consideradas como elementares na conjuntura atual, aliadas às preocupações com meio ambiente, direitos humanos e trabalho decente, compõem um conjunto de premissas assimiladas em maior ou menor medida por todas as federações, ainda que sobre a dimensão do meio ambiente a FARSUL apresente suas reservas. Sobre isso, é possível afirmar que a rejeição à agenda da sustentabilidade é localizada, discreta, e de baixa intensidade, dirigida ao corpo técnico da Secretaria Estadual do Meio Ambiente.

Agentes empresariais ligados a setores mais tradicionais, tanto da indústria quanto do campo, alimentam a ideia de que é possível reproduzir os processos socioeconômicos característicos do Desenvolvimentismo de tipo asiático. Nesse aspecto de sua contribuição ao debate sobre desenvolvimento, parecem desconhecer que nos Tigres Asiáticos o modelo social de seus respectivos Estados, com exceção do Japão, não equivalia a uma democracia política, tal como no Brasil.

A articulação empresarial verificada na Agenda 2020 remete ainda a uma ideia embrionária de projeto destinado a produzir crescimento econômico em consonância com a capacidade de assimilação de possíveis novos empreendedores. A falta de uma cultura empreendedora, de facilidades no acesso a crédito, de benefícios fiscais e de condições gerais de inserção na *hiper* competitiva nova economia, no entanto, acaba por limitar a amplificação desse ideal.

Considerações finais

Agentes empresariais ligados a setores mais tradicionais, tanto da indústria quanto do campo, alimentam a ideia de que é possível reproduzir os processos socioeconômicos característicos do desenvolvimentismo de tipo asiático. Nesse aspecto de sua contribuição ao debate sobre desenvolvimento, parecem desconhecer que nos Tigres Asiáticos o modelo social de seus respectivos Estados, com exceção do Japão, não equivalia a uma democracia política, tal como a temos, com suas debilidades é claro, aqui no Brasil.

A articulação empresarial verificada na Agenda 2020 remete ainda a uma idéia embrionária de projeto destinado a produzir crescimento econômico em consonância com a capacidade de assimilação de possíveis novos empreendedores. A falta de uma cultura empreendedora, de facilidades no acesso a crédito, de benefícios fiscais e de condições gerais de inserção na ultra competitiva nova economia, no entanto, acaba por limitar a amplificação desse ideal.

Essa nova arquitetura institucional inaugurada no Rio Grande do Sul permite a valorização de conceitos como *capital social* e da *capacidade de agência* dos atores envolvidos nos processos de integração de setores produtivos à agenda do Paradigma Informacional de economia.

Como conclusão mais geral da análise, pode-se referir que a liderança e a habilidade de certos agentes empresariais (Fligstein, 2009) foi o meio que tornou possível convencer setores e grupos econômicos e sociais com interesses diversos sobre temas e ações de desenvolvimento econômico. Ademais, esse esboço de amarração de interesses e posições acaba implicando: a) no predomínio de posições de setores empresariais, b) em um tipo de ação política empresarial mais atenta ao jogo democrático, e c) na mudança e mesmo recuo ou abrandamento de certas posições empresariais no contexto da diversidade de interesses existentes numa iniciativa desse tipo.

Entretanto, as correlações entre as propostas e posições entre as federações nas dimensões de análises presentes nesta pesquisa não invalidam uma perspectiva particular a cada uma das federações. O conceito de habilidade social (FLIGSTEIN, 2009) permitiu a identificação dos principais agentes empreendedores no processo de construção da Agenda 2020.

A desistência pela pauta das privatizações, por um lado, justifica-se pela necessidade de buscar apoio entre setores mais amplos da sociedade, mas, por outro, fundamenta-se evidentemente pela imperiosa necessidade de um Estado forte, num ambiente econômico marcado por incertezas e instabilidade dos chamados mercados globais, e pela falta de investimentos inteligentes, num país de estrutura econômica muito desigual e de formação de agentes empresariais que atuavam em parceria com o Estado, de modo que se beneficiaram de todos os momentos em que ele incidiu no planejamento econômico.

A maior parte da agenda empresarial, ou dos empresários, é dirigida ao Estado, no sentido de orientar as políticas fiscais, de investimentos, e as políticas educacionais.

Entretanto, configura-se o uso do ideal da esfera pública e do espaço público para cercar as reivindicações como parte de um interesse comum, para além do mundo corporativo, ou como se queira, do mundo produtivo.

Referências

CADONÁ, Marcelo. **A inserção neoliberal: burguesia industrial e a inserção econômica do Rio Grande do Sul no processo de reestruturação do capitalismo durante os anos 1990**. Florianópolis, UFSC, 2009. P. [18]

CASTELLS, Manuel. **Era da Informação 3: Fim de Milênio**. São Paulo. Paz e Terra, 1999. Capítulo 4, página.

COSTA LIMA, Raphael Jonathas. **A Metáfora do Capital Social e o Desenvolvimento Regional**. GT de Sociologia Econômica, XIV Congresso Brasileiro de Sociologia. Rio de Janeiro, UFRJ 2009.

FLIGSTEIN, Neil. **Habilidade Social e a Teoria dos Campos**. In: Martes, Ana Cristina Braga (Org.) *Redes e Sociologia Econômica*. São Carlos. Edufscar, 2009. P 69-106.

GARCIA, Sandro. **O Global e o local: o novo pólo automobilístico de Gravataí e suas implicações sociais e políticas**. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

GUIDDENS, Anthony. **A Política da Mudança Climática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

GUIMARÃES, Nádia Araujo; MARTINS, Scott (Org.). **Competitividade e Desenvolvimento**. São Paulo, SP. Editora SENAC 2001.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **Zoneamento ambiental do RS: um faz-de-conta**. Entrevista especial com Paulo Brack. São Leopoldo, 23 abr 2008. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/13391-zoneamento-ambiental-do-rs-um-faz-de-conta-entrevista-especial-com-paulo-brack>. Acesso em: 9 jun 2012.

POULANTZAS, Nicos. **Poder Político e Classes Sociais**. Porto. Portucalense, 1971. _____. *O Poder, o Estado e o Socialismo*. São Paulo. Paz e Terra, 2000. P. [26-33], [91-115], [165-204].

RELATÓRIO, Agenda 2020. Porto Alegre, 2009. Disponível em: www.agenda2020.org.br – Acesso em 29/05/2011.

STIGLITZ, Joseph. *A globalização e seus Malefícios: a promessa não-cumprida de benefícios globais*. São Paulo: Futura, 2002. Ver em introdução e capítulos 1 e 2.

ETNOGRAFANDO O ÔNIBUS: INDIVIDUALISMO E GÊNERO EM FLORIANÓPOLIS¹

Luísa Bonetti Scirea²

Resumo: Este artigo aborda comportamentos e situações observadas/vividas por mim, usuária do sistema de transporte coletivo urbano de Florianópolis, que aconteceram dentro dos ônibus e no Terminal de Integração do Centro (TICEN). Pensando em termos de experiência próxima/ experiência distante (Geertz, 1997), procuro realizar uma reflexão antropológica das situações por mim vivenciadas/observadas ao dialogar com algumas ideias sobre individualismo, gênero e cidade trazidos pelos trabalhos de Dumont (1985), Simmel (1979), Butler (1998), Marc Augé (1994) e Arantes (2000).

Palavras-chave: Ônibus. Atitude blasé. Individualismo. Gênero. Não-lugares.

As experiências/observações por mim vivenciadas/realizadas ao longo de quatro anos em que sou uma usuária do transporte coletivo da cidade de Florianópolis me trouxeram uma *experiência próxima* (GEERTZ, 1997) do que é ser usuária de determinados ônibus em Florianópolis. Geertz (1997), quando discute sobre etnografia, fala do conceito *experiência próxima*, uma espécie de “discurso nativo”, aquilo que os “nativos” afirmam fazer ou que acreditam fazer. A *experiência próxima* indica um certo nível de compartilhamento de sentidos entre o grupo “nativo”. Para Geertz, a etnografia realiza uma interpretação que levaria em consideração a *experiência próxima*, contudo, sem se confundir com ela, pois o antropólogo precisa também da *experiência distante* (conceitos/discussões de “especialistas”, como os cientistas). A *experiência distante* problematiza a *experiência próxima*. Assim, enquanto estudante de ciências sociais, tento problematizar minha *experiência próxima* a partir do debate antropológico. Como já afirmou Gilberto Velho (1999), a *familiaridade*, proximidade cotidiana a uma situação não é a mesma coisa que *compreender* (cientificamente/antropologicamente) esta situação.

¹ Artigo originalmente escrito para a disciplina de Pessoa e Corporalidade da Profª Sônia Werner Maluf ministrada em 2011.1, sendo posteriormente retomado a partir das discussões surgidas na disciplina de Antropologia Urbana ministrada pela Profª Alicia Castells em 2012.1.

² Estudante do curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina. Email:

Moro, há quatro anos, no bairro de Coqueiros, o qual se localiza na parte continental da cidade de Florianópolis. Desloco-me diariamente até o centro da cidade, localizado na Ilha, e, nos dias úteis da semana, até a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, situada no bairro Trindade, utilizando sempre o sistema de transporte coletivo urbano. Meu percurso até a UFSC inicia-se no ponto de ônibus perto de minha casa, onde uso as linhas Abraão, Vila Aparecida ou Itaguaçu, todas dirigem-se diretamente ao Terminal Integrado do Centro - TICEN, num trajeto que leva cerca de 5 minutos, quando não há congestionamento, e até 30 minutos quando existe congestionamento. Chegando ao TICEN, uso a linha UFSC-Semi-direto para chegar até a universidade, percurso que demora em torno de quarenta minutos.

O bairro de Coqueiros, juntamente com Itaguaçu, Bom Abrigo e Abraão, são bairros residenciais localizados ao longo da parte continental da cidade a partir da “baía sul”. É grande a presença, dentre os residentes destes bairros, de população nascida em Florianópolis ou que reside nesta há bastante tempo, destaca-se o grande número de idosos¹.

Esses idosos são presença constante nos ônibus em direção ao centro da cidade. Nessas linhas, durante até a metade da manhã e no início da tarde, os bancos preferenciais (antes da catraca) reservados a eles costumam estar todos ocupados. Os senhores e senhoras geralmente se conhecem e conversam entre si durante a viagem: pergunta-se sobre os filhos (se tá “bem de vida”; se ainda “dá trabalho”), sobre o marido, trocam informações a respeito de algum conhecido em comum. O clima é comumente descontraído entre os idosos localizados na parte “antes da catraca”, o que contrasta com a área do ônibus “depois da catraca”. Nessa área concentram-se “quem paga a passagem”: estudantes (crianças, adolescentes, jovens), mulheres adultas, alguns homens adultos. O espaço é pouco, o ônibus está sempre lotado, grande maioria em silêncio, olhando pela janela, para o chão ou teto (evitando olhar para as demais pessoas), ouvindo música. As pessoas não encostam umas nas outras, ou, se o toque acontece (geralmente acidental), o pedido de desculpas é recorrente.

Em contraste com essas “linhas de bairro” (Abraão, Itaguaçu, Vila Aparecida), a linha UFSC-Semi-direto (circula do TICEN para a UFSC) é frequentada basicamente por estudantes da universidade, tendo também alguns trabalhadores e/ou frequentadores de shoppings próximo à UFSC. São poucas as pessoas que trocam palavras no percurso, quando acontece geralmente são estudantes que se conhecem. Existem monitores de vídeo nesses ônibus que exibem propagandas, previsão do tempo, de ondas, horóscopo, e

luisabonettis@gmail.com.

“videocassetadas”, a grande maioria não parece prestar atenção. Como nos “ônibus de bairro”, o UFSC-Semi-direto está geralmente muito cheio e as pessoas tentam manter distância entre si, não se olham. Apesar disso, é comum quem está sentado se oferecer para segurar objetos (livros, mochilas, sacolas) de pessoas que estão em pé, mas depois que a troca de objetos é feita, as pessoas voltam a não se olhar. O oferecimento desta “gentileza” ocorre também nas linhas de bairro e é reservada, na maior parte das vezes e em todos os ônibus, às mulheres, os homens tendem a segurar seus pertences mesmo estando em pé no ônibus.

Durante o horário comercial e início da noite, as linhas de “bairro” e UFSC Semi-direto tem em comum a presença equiparável de homens e mulheres que podemos incluir nas categorias de idade “jovem” e “idosa”. Já entre os “adultos”, é muito maior o número de mulheres do que o de homens. À medida que vai chegando a noite e durante a madrugada, a relação se inverte: quanto mais tarde da noite, menos mulheres são vistas pelos ônibus e terminal. E, quando elas estão presentes, geralmente estão acompanhadas.

Ao longo do tempo que moro em Coqueiros, peguei diversas vezes o ônibus da linha “Madrugadão Continente” (passa de hora em hora a partir da meia-noite e meia, saindo do TICEN vai para o Estreito, Campinas, Capoeiras, Abraão, Bom Abrigo, Coqueiros). Ele circula até às 04:30 da madrugada, depois não passa mais e é necessário esperar até as 6:30 da manhã, para ter os ônibus das linhas normais. O “madrugadão” costuma sair do TICEN cheio de pessoas, mas as mulheres estão sempre em um número muito menor que o número de homens e estas, quando aparecem, estão na grande maioria das vezes, acompanhadas.

É comum, ao longo do dia, observarmos pessoas (geralmente adolescentes) apoiadas nos corrimões ao longo dos corredores do TICEN para esperar outras pessoas, namorar, encontrar amigos para conversar. Durante a madrugada, o único meio de transporte coletivo que existe são os ônibus “madrugadões”, o que faz com que as pessoas tenham que esperar, às vezes por quase uma hora, estes ônibus nos terminais. Assim, se durante o dia o Terminal Integrado do Centro é muito cheio, a maioria das pessoas está de passagem e ninguém conversa (mesmo que esteja dividindo o mesmo banco); durante a madrugada, o número de pessoas é consideravelmente menor e estas interagem mais, sendo comum existirem conversas entre desconhecidos enquanto se espera o ônibus.

Em vários momentos em que eu estava esperando pelo “madrugadão”, vieram conversar comigo. Em uma delas eu estava acompanhada de uma amiga que iria pegar o

mesmo ônibus e dois jovens se apresentaram pedindo licença e dizendo que não eram de Florianópolis. Eles perguntaram sobre os horários de ônibus, sobre a cidade, o que fez com que surgisse uma conversa em grupo. Numa outra vez, eu estava sozinha, sentei perto de um homem adulto, ele percebeu minha presença e começou a conversar comigo, disse, em algum momento, que tinha acabado de “salvar” uma moça que estava caminhando sozinha pelo centro, o que era uma atividade muito perigosa. Outra vez eu estava sentada sozinha num banco do TICEN, apareceu uma mulher de cerca de quarenta anos, me olhou, sorriu (eu retribui o sorriso) e sentou ao meu lado. Ela perguntou qual ônibus eu iria pegar (íamos pegar o mesmo ônibus), aonde iria eu descer (íamos descer no mesmo ponto), se não era perigoso para nós “pegarmos ônibus sozinha” naquela hora e se eu fazia muito isso. Eu respondi que costumava pegar ônibus sozinha de madrugada e que nunca havia me acontecido nada. Nesse momento dois jovens se aproximaram da gente e perguntaram sobre o horário do ônibus, eu respondi, começamos a conversar e continuamos conversando dentro do ônibus.

Outras vezes (no mesmo terminal e de madrugada) quando eu estava em companhia de algum homem, nunca aconteceu de alguém vir conversar comigo. Assim, se parece comum haver alguma conversa entre passageiros que esperam o ônibus de madrugada no TICEN, mulheres sozinhas ou acompanhadas de outras mulheres parecem ser os interlocutores preferenciais.

Mas não só os usuários do “madrugadão” conversam entre si, como também o “motorista” e “cobrador” (sempre homens) conversam durante o percurso. Sendo eu geralmente a única mulher desacompanhada do ônibus e praticamente a última pessoa a descer do “madrugadão” antes dele voltar ao TICEN, é muito comum o cobrador ou o motorista me interpelarem “aonde vou descer”. Em algumas ocasiões, tendo o motorista me “reconhecido”, ele chegou a me perguntar “Queres descer aonde?” e “Vai descer no ponto ou na sua casa?²”.

A partir do que observei/experiei, trabalharei fundamentalmente duas questões. A primeira refere-se à *atitude blasé* e ao Individualismo. Simmel fala sobre a *atitude blasé* em “A Metrópole e a Vida Mental” (1979). Ele menciona como o “tipo metropolitano” de individualidade sofre uma grande quantidade de estímulos exteriores e interiores. É através do intelecto que o tipo metropolitano protege sua “vida subjetiva” do excesso de estímulos da vida na cidade. Assim, a vida metropolitana impõe uma racionalidade, impessoalidade e uma subjetividade muito peculiar à metrópole, fazendo com que o comportamento comum entre

metropolitanos seja o de uma certa reserva podendo chegar até a uma certa “repulsa” ao outro. A *atitude blasé*, a qual pode ser descrita como uma certa incapacidade de reagir à novas coisas ou estímulos, seria uma forma de acomodar-se à vida metropolitana, um exemplo dessa subjetividade metropolitana.

Louis Dumont (1966) nos fala sobre o Individualismo enquanto ideologia moderna, num sentido de configurações de valores. Em todas as sociedades existiram dois tipos de configuração: holista e individualista, mas cada sociedade específica selecionaria um tipo como englobante, assim, nas sociedades modernas, a hegemonia seria do individualismo. Este se baseia na “igualdade” e “liberdade” entre indivíduos, logo, concebe o homem como indivisível, elementar, exemplo da humanidade toda, a sociedade se torna um meio. Na ideologia holista, o acento é o grupo, a sociedade se organiza em torno de seus fins, que não são interesses particulares individuais. Dumont (1985) ressalta que é importante não confundir o indivíduo enquanto portador de valor (independente, autônomo - ideologia individualista, sociedade moderna) com o indivíduo como homem particular empírico (que fala, pensa, deseja – presente em nas sociedades em geral). Percebemos então, que na concepção do autor, a questão da hierarquia não é restrita às sociedades holistas, mas está presente em qualquer sociedade, pois, ao se adotar valores, já estamos hierarquizando.

Os tipos de usuários frequentes nos “ônibus de bairro” (Abraão, Itaguaçu, Vila Aparecida) e no UFSC semi-direto são diferentes: existe uma grande presença idosa naqueles que não é vista neste. Essa presença idosa vem de bairros que apresentam pouca rotatividade de moradores, apresentando alguns moradores antigos, os quais, dentro do ônibus parecem demonstram laços comunitários (holistas). Ao mesmo tempo, em todos os ônibus e no terminal observados, a restrição e afastamento entre pessoas parece ser o comportamento mais comum, podemos até falar em uma “regra do assento único”: uma pessoa desconhecida não se senta ao lado de outra se existir um assento individual ou banco duplo vazio. Assim, a atitude blasé parece ser típica da individualidade metropolitana e pode ser inscrita dentro da ideologia individualista moderna.

Podemos dizer que essa hegemonia blasé se mantém na medida em que ninguém invade o seu espaço pessoal, ou seja, quando ninguém esbarra em você ou tenta conversar com você. Assim o evidencia os termos “licença” (ao se sentar ao lado de alguém), assim como o “desculpa” (ao se encostar em alguém): você se desculpa e pede licença porque o contato entre vocês não é autorizado.

Juntamente com a “atitude blasé” e o Individualismo, a questão de gênero parece ser fundamental no “ir e vir” da pessoa (horário de circulação e aonde ir ou não ir) e na forma de relacionar-se com outras pessoas dentro do terminal. Se durante o horário comercial predomina a *atitude blasé* entre os usuários, fora do horário comercial - com menos ônibus disponíveis (o que obriga à permanência mais longa no terminal) e menos pessoas circulando – apresenta-se fortemente o “discurso do perigo”. Este discurso é proferido mais enfaticamente para quem é identificado como “mulher” e indica que quanto mais tarde da noite, mais perigoso é estar na rua, no terminal, no ônibus.

Butler (1998) afirma que Foucault e Witting teriam mostrado como a categoria “sexo” não é uma simples descrição de uma materialidade existente, mas “produz e regula a inteligibilidade da materialidade dos corpos”. (p.39) A autora, ao falar sobre um caso de estupro em que uma mulher é culpabilizada pela violência, mostra como o ato de categorizar já é uma violência (define o que irá ou não significar, ser inteligível) e acaba ganhando um significado político quando passa para a “legislação autorizadora do que será a materialidade do sexo.” (p.39) Assim, no exemplo dado por Butler, a culpa do estupro é atribuído à mulher, pois ela é do “sexo feminino”, ou seja, a “natureza” de seu sexo implica em uma busca de expropriação. Portanto, para a autora, o “sexo” já é uma violação que forma o corpo e a sexualidade da mulher. Essa violação já existia anteriormente, apenas foi executada através da culpabilização da mulher pelo estupro.

É significativo que, ao longo da minha experiência/observação, nas duas vezes que o “discurso do perigo” me foi relatado, a primeira tenha sido um homem dizendo que “salvou” uma moça a qual, temerariamente, andava sozinha pelo centro durante a noite e, a segunda, uma mulher me perguntando se não era perigoso (para nós, mulheres) circularmos sozinhas naquela hora. Assim, a “mulher”, aparece aqui como frágil, desagenciada e alvo da agência(violência) masculina. Nos ônibus e no terminal observados, ser *identificada* como “mulher” coloca o sujeito como o alvo de potencial violência e, ao mesmo tempo, já executa uma primeira violência, na medida em que cerceia sua circulação pela cidade baseada na legislação que materializa o sexo.

Sendo assim, uma mulher que circula sozinha pelo terminal e pelos ônibus durante a madrugada seria uma “transgressora” (ARANTES, 2000), ou seja, existe um descompasso entre o que ela efetivamente faz num espaço público e o que se espera que ela faça. A constituição desta “fronteira simbólica” que limita a circulação de pessoas se materializa na

passagem do tempo (do dia para a noite) e a “transgressão” fica evidente quando o “discurso do perigo” nos é dirigido: mais do que nos “proteger”, ao se afirmar e reafirmar o “perigo” em uma mulher circular desacompanhada por aquela hora da noite, nos estão dizendo que aquele não é o nosso lugar.

Não queremos aqui considerar que existe “a mulher”, de forma homogênea, mas indicar a existência de certo padrão sociocultural que se manifesta nos ônibus e terminal observados: a maioria das mulheres já ouviu/experimentou/reproduziu o “discurso do perigo”, o que indica que estas não estão autorizadas e não se autorizam a andar por esses espaços. Aquela que assim o faz, como as usuárias do transporte coletivo e também as prostitutas, são vistas de alguma forma como “desviantes ou transgressoras”: ambas reivindicam, de formas diferentes, uma maior autonomia para o corpo da “mulher” e ocupam lugares na cidade que não se esperava que elas ocupassem.

No debate contemporâneo sobre a cidade, Marc Augé (1994) nos fala que a supermodernidade (contemporânea) é produtora de “não-lugares” (p. 73). O *não-lugar* seria essa não realização do “lugar antropológico” da modernidade: identitário, relacional e histórico. Assim, o *não-lugar* indicaria duas realidades complementares: Espaços constituídos em relação a determinados fins (transporte, comércio, lazer) e a relação que o indivíduo possui com esses espaços (impessoal, solitária, que só diz respeito aos fins). No *não-lugar* o espaço cria as “regras” (geralmente por textos, avisos sonoros, ou representantes de instituições) e cria um usuário padrão.

De acordo com o observado, ainda que o terminal e o ônibus tenham sido pensados para ser apenas “passagem”, durante o dia casais namoram em seus corredores, grupos de surdo-mudo promovem encontros dentro de seu espaço, e na madrugada, passageiros conversam entre si e são “deixadas em casa” em vez de no ponto de ônibus. Os poucos avisos escritos nos ônibus e terminais são frequentemente desatualizados (período de recadastro de passe, horários de ônibus) e ignorados (aviso da proibição escutar música sem fone de ouvido no ônibus). Portanto, ainda que estes equipamentos urbanos tenham sido pensados e planejados enquanto *não-lugares* por seus idealizadores, na prática se observa tanto uma ineficiência por parte do estado em controlar e manter estes espaços como *não-lugares*, como uma considerável quantidade de “transgressões” de pessoas que se apropriam e os utilizam de forma a criar regras/regularidades/relações com/nestes aparelhos.

As questões trabalhadas neste artigo, ao mesmo tempo que indicam uma variação de comportamentos dentro de ônibus e terminal, também nos mostraram que, observando em mais detalhes, percebe-se que existe alguns padrão nestas variações, elas não são aleatórias. Assim, a atitude blasé do tipo metropolitano se encaixa dentro da ideologia individualista e é consideravelmente hegemônica dentro dos ônibus e terminal urbano observados. Apesar disso, os “velhinhos holistas” dos ônibus de bairro e as conversas durante as madrugada no TICEN evidenciam uma quebra temporária dessa hegemonia individualista. De forma semelhante, a limitação da circulação de mulheres a determinados horários é uma imposição legitimada através do “discurso de perigo” que é dirigido especialmente a este grupo diversificado, porém comumente identificado como “mulher”. Se o debate contemporâneo acerca das cidades fala em *não-lugares*, a partir das observações feitas, podemos nos questionar, então, a existência desse “passageiro padrão” que os *não-lugares* pressupõem, assim como quem é o indivíduo portador dos valores de liberdade e igualdade apresentados pela ideologia individualista.

NOTAS

¹¹ Esta característica do bairro já foi apresentada por reportagens como a disponível em: <http://floripamanha.org/2011/09/o-jeito-de-ser-de-coqueiros/>

² Essa “gentileza” de motoristas que deixam passageiras diretamente em suas casas foi-me relatada por pelo menos mais duas mulheres usuárias do transporte coletivo urbano.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, Papirus, 1994.

ARANTES, Antônio. **Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público**. São Paulo, Editora da Unicamp, 2000.

BUTLER, Judith. “**Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo**”, *Pagu*, 11, 1998, 11-42

DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus: le système de castes et ses implications**, Paris, Gallimard, 1966. Introduction, 13-35.

DUMONT, Louis. **O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio, Rocco, 1985a. Introdução, Cap. I: Gênese I. Do indivíduo-fora-do-mundo ao indivíduo-no-mundo; 11-31.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, cap 03.

SIMMEL, Georg, **A metrópole e a vida mental**, in Velho, Otavio G. O fenômeno urbano, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro, Zahar, 1999. Cap 09.

“O CORPO EM FOCO: ENVELHECIMENTO E DIFERENÇAS DE GÊNERO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO”¹

Beatrice Cavalcante Limoeiro²

Resumo: Este artigo analisa a forma como homens e mulheres, de diferentes faixas etárias, compreendem o próprio envelhecimento, assim como o envelhecimento de outros. Tal reflexão foi possível a partir de temas, como: plástica, rugas, cabelos brancos, diferenças de gênero no envelhecimento e impotência sexual, que surgiram nas respostas de 1617 questionários aplicados em moradores da cidade do Rio de Janeiro. É possível perceber que o envelhecimento e as representações sociais deste momento são diferentes para homens e mulheres. A análise feita neste artigo aponta para uma desvantagem feminina presente nos discursos, em relação a este processo. Foi possível perceber ainda uma diminuição da preocupação com os aspectos estéticos no discurso de mulheres com mais de 60 anos e um aumento desta preocupação nos homens mais jovens.

Palavras-chave: Corpo, gênero, envelhecimento, plástica.

O objetivo deste artigo é analisar de que forma homens e mulheres, de diferentes faixas etárias, percebem e classificam o envelhecimento, pensando tanto em si próprios, como no envelhecimento de outros. Serão destacados os temas ligados à aparência, cirurgia plástica, assim como as diferenças de gênero colocadas pelos pesquisados ao abordarem tais assuntos. O artigo está baseado na pesquisa que venho realizando, desde 2010, "Corpo, Envelhecimento e Felicidade", coordenada pela

¹ Este artigo foi produzido a partir de um trabalho de iniciação científica, apresentado na XXXIII Jornada de Iniciação Científica, Artística e Cultural da UFRJ.

² Graduanda do curso de Ciências Sociais – Bacharelado e licenciatura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista de iniciação científica pelo CNPq.

antropóloga Mirian Goldenberg, do Núcleo de Estudos de Sexualidade e Gênero do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Investiguei como a categoria “corpo” aparecia nas respostas de homens e mulheres de diversas faixas etárias de 1617 questionários, aplicados por alunos do curso de Ciências Sociais³ e pela equipe de pesquisa da qual participo, na cidade do Rio de Janeiro nos anos de 2007 a 2010.

O programa de computador Atlas.ti, um banco de dados de foco qualitativo, auxiliou na organização e classificação das respostas dos questionários analisados. Com este programa foi possível destacar todas as vezes que apareciam as categorias relacionadas a corpo, aparência, cirurgia plástica e diferenças de gênero.

Também foi feito um recorte das faixas etárias, sendo analisadas as idades até 39 anos, 40 a 59 anos e 60 anos ou mais, a fim de compreender as especificidades presentes em cada etapa da vida.

Acredito que esta pesquisa pode ser relevante para o entendimento do envelhecimento na sociedade brasileira. Pretendo verificar como estes indivíduos classificam ou valorizam as mudanças corporais, a partir, principalmente, dos papéis de cada gênero.

Dentre os 1617 pesquisados, 59% são mulheres e 41%, homens; 55% têm 17 a 39 anos, 30%, 40 a 59 anos e 15%, 60 anos ou mais. 41% destes moram na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, 19%, na Zona Sul e 15% na Zona Oeste. 40% tem nível superior completo, 30%, nível superior incompleto, 20%, ensino médio completo e 2,5%, ensino médio incompleto.

36% destes pesquisados tem renda entre 2 a 5 salários mínimos, 31%, de 6 a 10 salários, 9,5%, de 16 a 20 salários, 9% de 11 a 15 salários, 7,5%, até 1 salário mínimo e 6,8%, acima de 20 salários. 56% são solteiros, 32% casados, 8% divorciados e 5% viúvos.

Aparência, cirurgia plástica e diferenças de gênero.

Os temas mais citados nas respostas dadas a este questionário estão relacionados às características ou mudanças na aparência que o envelhecimento pode

³ A aplicação dos questionários foi parte de um trabalho final dos cursos ministrados pela professora Mirian Goldenberg, coordenadora da pesquisa, que estabeleceu os critérios para o perfil dos pesquisados.

trazer, como a própria decadência na aparência, que seria a perda das características juvenis. O processo de envelhecer aparece intimamente ligado às perdas no quesito da beleza.

Os pesquisados mencionam a pele como fonte de insatisfação ou como uma área do corpo que necessita de cuidados especiais, citada especialmente pelas mulheres. O surgimento de cabelos brancos também é um indicativo corporal de envelhecimento, que merece atenção e cuidados. Existem, ainda, aqueles que dizem não tomar nenhum cuidado para manter a boa aparência.

Outro ponto que aparece nas respostas diz respeito à necessidade de estar em boa forma física e não ter excesso de peso, além de aparentar menos idade do que realmente tem.

As mulheres falam de cuidados para não ficar com má aparência e mostram preocupações com as modificações no corpo que o envelhecimento pode causar, como: celulite, manchas de sol, varizes, estrias, olheira, papa no pescoço e pálpebras inchadas. Preocupações que aparecem apenas nas respostas das mulheres, revelando que elas mostram-se mais detalhistas do que os homens no que diz respeito aos efeitos do envelhecimento na aparência.

Uma mulher de 51 anos, ao falar sobre as diferenças do envelhecimento de homens e mulheres, diz: “Fisicamente sim: Mulheres com celulites e estrias que não aparecem nos homens. Em compensação eles têm de cuidar mais do seu abdômen”.

Destaco o depoimento de uma jovem de 20 anos, revelando a preocupação precoce das mulheres com os efeitos do envelhecimento. Ela diz: “Não sei quando ficarei velha, mas o maior medo é o da velhice estética, começar a aparentar o envelhecimento”.

Os homens também citam a decadência na aparência como algo inerente ao envelhecimento. Mesmo que em menor número em relação às mulheres, a preocupação com a perda da beleza também aparece no discurso masculino, especialmente na faixa até 39 anos, como mostra um homem de 26 anos: “Perder a beleza física que eu considero ter (principalmente em relação a alguém velho)”, respondendo sobre seu maior medo em relação ao envelhecimento. Uma resposta de um homem de 67 anos ajuda a compreender a diferença entre homens e mulheres, quando diz: “Quando me olho no espelho, acho que já fui mais bonito, mas o que perdi em beleza, o que é relativo, ganhei em charme e elegância.” A perda da beleza surge acompanhada de um ganho em charme e elegância, ganho somente mencionado pelos homens.

Outros temas recorrentes entre os homens são os cabelos brancos e as rugas, de maneira similar às respostas femininas. Como pode exemplificar a seguinte resposta: “Talvez pintar o cabelo. Para me sentir mais jovem.”, de um homem de 53 anos.

Ao citarem partes do corpo, os homens falam que se incomodam com o nariz, que gostariam de remover suas acnes, que invejam a “bunda dura” ou o “peito” de um jovem. Alguns ainda invejam a pele lisa, dizem que pintariam seus cabelos e que são vaidosos. Mostrando que a preocupação estética não é mais um campo exclusivo feminino.

Não é possível dizer que a preocupação com o corpo é algo presente apenas nas respostas femininas, mas também não se pode declarar que ambos os grupos possuem o mesmo tipo ou grau de preocupação com a estética. Alguns homens mostram-se resistentes à ideia de cuidarem da aparência e dizem, por exemplo, que pintar o cabelo seria “frescura” ou que não são vaidosos.

Este medo das perdas estéticas, do aparecimento de celulites, estrias ou rugas revela que o passar dos anos é compreendido em nossa cultura como parte de um processo de perda de beleza, de tornar-se mais feio ou feia. Como nos exemplifica a resposta de uma mulher de 66 anos, que ao falar sobre o pior de envelhecer diz: “ficar enrugada, pelancuda, flácida, tremelique e muito mais”.

Resultante das preocupações estéticas apresentadas pelos pesquisados aparece o tema da cirurgia plástica, como uma tentativa de modificar o corpo. O desejo de submeter-se a este procedimento médico aparece relacionado à insatisfação com a aparência, seja pelos efeitos do processo de envelhecimento ou, em casos mais raros, por acidentes que provoquem mudanças consideradas negativas na estética corporal do indivíduo. Esta questão é central para compreender o processo de envelhecimento no corpo carioca, como já demonstrou Goldenberg (2007) ao analisar a incidência da prática da cirurgia plástica no Brasil. A autora aponta que atenuar os efeitos do envelhecimento é uma das principais motivações para se fazer uma plástica no Brasil.

Dentre aqueles que respondem “sim” à pergunta “Você fez ou faria alguma correção ou cirurgia plástica estética? Por quê? ”, os locais do corpo mencionados como alvo da plástica em todas as faixas etárias, tanto por homens quanto por mulheres, são a barriga e o rosto. Podemos pensar que duas modificações corporais que são apontadas como resultantes do envelhecimento, o ganho de peso e as rugas, parecem ser temidas e, portanto, passíveis de serem modificadas artificialmente.

Pode-se pensar que a barriga é um lugar muito citado, pois o aumento da idade traz para homens e mulheres a tendência ao aumento de peso e a dificuldade de perder o mesmo. Associa-se magreza à beleza, como sugere Goldenberg (2004) ao falar que a obsessão com a magreza aparece como uma das formas do culto ao corpo da sociedade carioca. Utilizando os conceitos de “técnicas corporais” e “imitação prestigiosa” de Marcel Mauss (2003), a autora ressalta que há uma construção cultural do corpo, onde se valorizam alguns atributos em detrimento de outros, apontando a existência de um corpo típico para cada sociedade.

Na pesquisa de Goldenberg (2004), aparece a valorização de um corpo “definido, malhado, trabalhado, sarado, saudável, atlético e bonito”, revelando a centralidade que o corpo adquiriu para os indivíduos das camadas médias urbanas cariocas. Uma cultura que valoriza excessivamente a aparência, a juventude e a forma física.

A vontade de realizar cirurgia plástica no rosto, presente nas respostas dos pesquisados, remete ao desejo de corrigir as rugas. É o lugar onde nem mesmo métodos não-cirúrgicos, como exercícios físicos ou uma alimentação balanceada podem apagar as marcas do tempo. Ainda que existam cremes e remédios classificados como “anti-idade” e que estes prometam retardar o envelhecimento, não podem impedir este. Podemos compreender desta forma o motivo do rosto ser um dos locais mais citados pelos pesquisados como lugar onde fariam ou fizeram cirurgia plástica, um método talvez mais eficaz, ainda que mais drástico, para aqueles que procuram apagar as marcas do tempo.

Nos questionários analisados aparecem temas diretamente relacionados com as diferenças do envelhecimento no corpo de homens e mulheres. Tais diferenças aparecem com maior frequência na pergunta “Na sua opinião, homens e mulheres envelhecem de forma diferente?”.

Algo que se pode notar neste tipo de respostas é a diferença, apontada pelos pesquisados, da decadência no corpo de homens e mulheres. Em 80% dos casos em que se julga qual o gênero levaria vantagem no processo de envelhecimento, fala-se que haveria uma desvantagem feminina em relação ao desgaste físico. Mulheres envelheceriam, em geral, de uma forma pior do que os homens e esta desvantagem parece resultar também em uma maior preocupação com a aparência, em hábitos e atitudes de maior cuidado com o corpo.

Em contraste, a preocupação dos homens estaria ligada ao seu desempenho sexual e à possibilidade de ficar impotente. Para exemplificar, tem-se a resposta de um homem de 25 anos: “Como sou homem, meu grande medo é a impotência sexual.”

DaMatta (1997) nos ajuda a compreender esta preocupação masculina com a vida sexual ao demonstrar que a identidade masculina tradicional no Brasil, no que se refere ao nível comportamental, se contrói em oposição aos comportamentos considerados do âmbito da homossexualidade, assim como rejeita a ideia de impotência sexual.

Até 39 anos : a preocupação estética e o medo do envelhecimento.

Analisando as faixas etárias é possível dizer que, até a idade de 39 anos, ambos os gêneros parecem concordar que o envelhecimento seria pior para as mulheres. Neste grupo de idade os efeitos estéticos da velhice aparecem como uma projeção, algo que virá futuramente, mas que ainda não vivenciam em seus corpos. As mulheres até 39 anos dizem temer a velhice e quando falam em marcas como rugas, cabelos brancos ou varizes, é possível perceber o teor negativo associado ao processo de envelhecimento: “Deixaria de usar saia curta, pois com a idade vem as varizes e não gosto de mostrar minhas impurezas”, resposta de uma mulher de 20 anos. Os marcos corporais mencionados anunciam e caracterizam a chegada da velhice.

Estas mulheres também são as que mais falam sobre cirurgia plástica. 56% dizem que fizeram ou que fariam plástica e 38% dizem que não fizeram ou não fariam. Além disto citam diversos lugares onde fariam estas intervenções. “A velhice plastificada, sarada é assim que retardarei a velhice”, resposta de uma mulher de 24 anos, ao responder à pergunta sobre que tipo de velhice gostaria de ter.

Os lugares do corpo que as mulheres até 39 anos mais desejam modificar são: seios (35%), barriga (28%), nariz (17%), pernas (4%), bunda (3%), orelhas (3%), rosto (3%), em volta dos olhos (1%), gengiva (1%), mão (1%) e queixo (1%).

Estas, em 89% dos casos, dizem que as mulheres envelhecem pior no corpo e que, por isto, deveriam ser mais vaidosas. Como exemplifica a resposta de uma mulher de 31 anos: “O homem quando envelhece se torna mais atraente e a mulher se não se cuidar, fica um bagulho.”

A faixa etária masculina mais jovem é a que mais declara ter preocupações com o corpo, em detrimento das outras faixas masculinas. Um homem de 25 anos expõe seu incômodo com o tamanho de seu nariz ao falar se faria ou não plástica: “o nariz, que é a parte do meu corpo que mais chama a atenção por ser grande.”

Os homens da mesma faixa, ao contrário das mulheres, são em sua maioria contra a ideia e/ou não mostram o desejo de modificarem seus corpos. 73% destes homens não fizeram ou não fariam plásticas, contra 22% que declaram que fizeram ou fariam.

Quando dizem que fizeram ou gostariam de fazer plástica, citam, além de outros lugares, o pênis, apontando para uma preocupação masculina com a vida sexual, e mesmo com a aparência de seu órgão sexual, neste caso, com o tamanho. Uso como exemplo um homem de 28 anos que diz: “Aumentar meu pênis. Precisa dizer o motivo?”

DaMatta (1997) aponta o pênis como órgão central e explícito da masculinidade. Ter o pênis grande aparece como sinal de orgulho e marca de masculinidade no Brasil. O autor utiliza como exemplo um acontecimento que identifica como comum entre a comunidade de homens que seria falar sobre o tamanho do pênis, uma fonte permanente de preocupação. Não raro ocorrendo concursos entre os homens, onde se compara o tamanho do pênis.

Simone de Beauvoir (1970) afirmou que : “Enquanto a mulher-objeto se identifica desde a infância com a imagem total de seu corpo, o menino encontra um alter ego no pênis : é nele que, durante toda vida, o homem se reconhece e se sente ameaçado”.

88% dos homens desta faixa, de forma similar às mulheres, dizem que os homens envelhecem melhor. “Acredito que fisicamente o corpo feminino mostra traços de envelhecimento antes do masculino”, depoimento de um homem de 38 anos.

40 a 59 anos: mulheres com desvantagem no processo do envelhecimento do corpo.

Uma mulher de 56 anos ao falar sobre as mudanças advindas do envelhecimento, diz: “A pele do rosto, o corpo vai tomando outro jeito e se não cuidar da aparência também muda tudo”.

As mulheres de 40 a 59 anos, fizeram ou explicitam o desejo de fazer intervenções cirúrgicas em 61% dos casos. Como demonstra a resposta de uma mulher

de 49 anos: “Sim, já fiz mama e barriga e faço se cair novamente.” Outra mulher de 53 anos diz: “Sim, irei fazer em ruga de expressão, para me sentir bonita, afinal ajuda na autoestima, se a ciência me proporciona essa ajuda, vou utilizá-la.”

Interessante notar que nenhuma mulher desta faixa diz que a mulher envelhece melhor do que o homem. Como exemplifica a resposta de um mulher de 49 anos: “A mulher de um modo geral tem mais responsabilidades e preocupações, principalmente filhos, com isso, a aparência fica mais desgastada.”

Este grupo também chama atenção ao falar sobre as mudanças no corpo feminino após a gravidez, ressaltando que tal fator seria importante para compreender a diferença do envelhecimento dos corpos de homens e mulheres: “Após dois partos fiquei com muita flacidez”, diz uma mulher de 57 anos.

O grupo masculino de 40 a 59 anos parece ser o mais diverso e heterogêneo em seu discurso. Ao mesmo tempo que é o grupo que mais declara não ter comportamento ou atitudes de uma pessoa vaidosa, também declara invejar partes corporais de um jovem, como as mencionadas anteriormente: “bunda dura”, pele lisa e “peito de pombo”, além de explicitar maior preocupação com o aumento de peso do que os homens até 39 anos.

De forma semelhante aos homens da faixa etária anterior, são majoritariamente contrários ao desejo de realizar cirurgias estéticas. 89% dizem não à pergunta, contra 7% que dizem sim.

Um homem de 57 anos, ao responder sobre se fez ou faria plástica, diz : “Eu ainda não, mas para minha esposa faria, isto é, daria a maior força para uma boa lipo. Ficaré ótima não é mesmo? ” Este pesquisado entende que sua mulher precisaria mais da plástica que ele, o que reforça a ideia de que mulheres envelhecem pior no corpo. Esta resposta pode também indicar que a plástica na mulher representa um valor para o homem, ainda que seja ou não um valor para a mulher.

Os homens desta faixa etária ressaltam a decadência mais rápida na aparência das mulheres: “Talvez a mulher sinta mais o peso do envelhecimento, pois seu corpo mostra sinais de forma mais evidente”, resposta de um homem de 52 anos.

Estes homens também falam de calvície e tratamento para a mesma através do uso de remédios. Tais respostas indicam que a preocupação masculina com o envelhecimento está especialmente marcada pela perda dos cabelos.

60 anos ou mais: a reivenção do papel social feminino.

A faixa etária de 60 anos ou mais apresenta uma diminuição da concentração das respostas femininas em torno do assunto da aparência, de forma diferente às faixas etárias femininas anteriores, que apresentam altos índices de respostas ao falarem deste tema.

É o único grupo feminino que irá responder mais não do que sim à pergunta sobre se fez/faria plástica. 36% dizem sim, contra 62% que dizem não. Além de não ser uma preocupação recorrente, a aparência também não deve ser mudada por meio de cirurgias plásticas para estas mulheres.

Falarão também que as mulheres apresentam mais características de vaidade, neste caso, considerando a vaidade como algo positivo, sinal de bom envelhecimento: “Atualmente, as mulheres envelhecem melhor que os homens, pois se cuidam melhor. Os homens estão despertando, mas as mulheres estão à frente”. Portanto, a mulher ser mais vaidosa aparece nestes discursos como o motivo de seu melhor envelhecimento, o que as difere das mulheres e homens das outras faixas etárias, que apontam a vaidade feminina como uma necessidade, já que consideram que estas envelhecem pior.

Ao contrário dos outros grupos, as mulheres de 60 anos ou mais julgam que os homens envelhecem pior do que elas: “O homem envelhece mais rápido. As mulheres têm seus artifícios”, diz uma mulher de 72 anos.

Nesta faixa etária, os homens se posicionam em sua maioria contrários à ideia de modificar seus corpos com cirurgia plástica. 89% deles dizem não e 7% dizem sim à pergunta.

Os homens desta faixa etária reiteram a noção de que as mulheres envelhecem pior do que os homens.: “A natureza é benéfica ao lado masculino, se o homem não possuir vícios (álcool e fumo) é visível a diferença entre o envelhecimento homem X mulher”, segundo a resposta de um homem de 60 anos.

Considerações finais: mudanças nas percepções da velhice.

Sobre o tema da maior “obrigação” feminina quanto os assuntos estéticos, é possível pensar a partir do que a autora Naomi Wolf (1992) diz sobre a beleza. A autora considera que o que se chama beleza existe de forma objetiva e que a mulher tem o dever de encarná-la, enquanto os homens devem querer possuir mulheres que encarnem esta beleza. Esta diz que a obrigação de ser bela é feminina, não masculina. Neste

sentido, a mulher estaria sempre em busca de um modelo de beleza perfeito, na maioria das vezes apresentado pela mídia. Segundo a autora, desde a Revolução Industrial as mulheres ocidentais de classe média seriam controladas pelos ideais do estereótipo. O que caracteriza, para a autora, um retrocesso no processo de emancipação feminina.

Por tais motivos, é possível compreender porque o processo de envelhecimento, que carrega em si o elemento da gradual decadência na aparência, seria algo considerado tão pior para as mulheres, do que para os homens. O caso é que tanto o homem quanto a mulher perderão sua aparência jovial, considerada bela e valorizada, ao envelhecer, porém este processo será de maiores perdas para o público feminino, já que possuem culturalmente uma obrigação maior de cuidarem de seus corpos.

Segundo Goldenberg (2004) “a preocupação com o corpo demonstra que este tem peso importante nos relacionamentos afetivo-sexuais”. Este corpo aparece com a finalidade de sedução para as mulheres.

Esta pesquisa mostra que a preocupação com a aparência diminui com o aumento da faixa etária. Simone de Beauvoir (1970) afirmou que a mulher, “quando envelhece, deixa de ser objeto erótico, seu corpo perde a função de sedução e fica em segundo plano a necessidade da preocupação estética”. O envelhecimento pode trazer novas preocupações ou a possibilidade de não mais ter este como assunto importante nas suas vidas.

Pode-se também pensar que os homens das gerações mais jovens começam a se preocupar com elementos que outrora não eram de sua alçada. Segundo Dutra (2007) o gosto por aspectos que dizem respeito à aparência, como a moda, tem a obrigatoriedade cultural de serem desempenhados pelas mulheres. Ficando os homens que assim o fazem numa posição invertida de papéis. Este fenômeno é observado em nossa atualidade com a invenção do nome “metrossexual” para homens que se preocupam tanto quanto as mulheres com a aparência. A criação de um nome para os homens que possuem este comportamento deixa claro a novidade aí presente. É uma nova geração de homens, uma reinvenção e reconfiguração dos papéis sociais masculino e feminino.

Existem ainda muitas questões a serem aprofundadas nesta pesquisa. Como, por exemplo, se a religião, o estado civil, a escolaridade, a renda salarial e a classe social influenciam nas percepções sobre o envelhecimento. São elementos que, com certeza, ajudarão a pensar melhor os questionamentos suscitados até aqui.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, S. **A velhice: A realidade incômoda.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, S. **A Velhice: As relações com o mundo.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970

DAMATTA, R. “Tem pente aí?” In: **Homens: comportamento, sexualidade e mudança.** Dario Caldas (org). São Paulo: Editora SENAC, 1997.

DUTRA, J. L. “Onde você comprou essa roupa tem pra homem?” In: **Nu & Vestido.** Mirian Goldenberg (org). Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOLDENBERG, M. **De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOLDENBERG, M. **O corpo como capital.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOLDENBERG, M. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade.** Rio de Janeiro: Record: 2008.

MAUSS, M. “As técnicas do corpo.” In: **Sociologia e antropologia.** Marcel Mauss. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

WOLF, N. **O Mito da Beleza: Como imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.